

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**FILIFE CAMBONGUE WIMA**

**COMO SUSTENTAR OS/AS PREGADORES/AS  
A FIM DE QUE NÃO ABANDONEM O MINISTÉRIO DE DEUS  
NA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DE ANGOLA (IELA)?**

São Leopoldo

2014



FILIPE CAMBONGUE WIMA

COMO SUSTENTAR OS/AS PREGADORES/AS  
A FIM DE QUE NÃO ABANDONEM O MINISTÉRIO DE DEUS  
NA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DE ANGOLA (IELA)?

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Carlos Arthur Dreher

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W757c Wima, Filipe Cambongue

Como sustentar os/as pregadores/as a fim de que não abandonem o ministério de Deus na Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA)? / Filipe Cambongue Wima ; orientador Carlos Arthur Dreher. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.

82 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Igreja Evangélica Luterana de Angola. 2. Clero – Salários, etc. 3. Igreja – Administração. 4. Igreja Luterana – Clero – Salários, etc. – Angola. 5. Dízimo. 6. Mordomia cristã. I. Dreher, Carlos Arthur. II. Título.

FILIPPE CAMBONGUE WIMA

COMO SUSTENTAR OS/AS PREGADORES/AS  
A FIM DE QUE NÃO ABANDONEM O MINISTÉRIO DE DEUS  
NA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DE ANGOLA (IELA)?

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Data:

Carlos Arthur Dreher – Doutor em Teologia – Faculdades EST

---

Flávio Schmitt – Doutor em Teologia – Faculdades EST

---

## AGRADECIMENTOS

Com a graça de Deus, concluí esta Dissertação de Mestrado. De coração, dirijo minha gratidão:

Ao Deus Trino e Santo:

Ao Pai Celestial, por Sua bondade e misericórdia. Segundo a Sua presciência, Ele nos elegeu, vocacionou para o Seu ministério e, tendo em vista esse fim, providenciou tudo para que adquiríssemos robusta formação;

Ao nosso Senhor Jesus Cristo, cuja vida, morte e ressurreição garantem-nos graça e salvação da parte de Deus Pai. Enviado como propiciação pelos pecados, nossos e de todo o mundo, Jesus é o único Advogado perante o Pai Celeste. Ele é a vida, cujo sangue confere-nos ousadia para comparecer livremente perante o Altíssimo;

Ao Espírito Santo, nosso Paráclito, que nos ensina todas as coisas e guia em toda a verdade. Ele é Conselheiro perene nos momentos de aflição, Consolador amigo e certeza suprema da fidelidade de Deus para conosco;

Às Instituições:

À Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA), por ter acolhido nosso pedido de prosseguimento nos estudos, além de nos acompanhar com suas orações durante todo o período de nossa formação;

À Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), por ter intermediado nossos contatos com a Faculdade EST;

À Direção da Faculdades EST, por ter permitido que ingressássemos em suas dependências e por todo o suporte estrutural e poimênico que nos ofereceu, sobretudo nos momentos mais difíceis de nossa trajetória acadêmica;

Às individualidades:

À minha querida e amada esposa e filhos, por sua paciência e compreensão, visto que, em virtude dos estudos, precisei estar ausente em algumas ocasiões;

Ao Ruben Marcelino, por ter ajudado na formatação do trabalho;

À Prof<sup>a</sup>. Ms. Marie Ann Wangen Krahn, pela tradução do resumo da dissertação para a língua inglesa.

Ao meu irmão, João Caala Wima, pela ajuda moral e material;

À minha mãe, Justina Nenyunda, pela sua ajuda moral nos momentos difíceis;

Ao Pr. António Mussaqui, pelo encorajamento, apoio moral e material;

Ao Pr. José Landu Badúkila e esposa, pelo aconselhamento, desempenhando, desde a primeira hora, os papéis de padrinho e madrinha;

À minha turma de Ética e Gestão, pela ajuda material e moral;

Ao amado orientador, Prof. Dr. Carlos Arthur Dreher, que sempre veio em meu auxílio com amizade e orientações precisas durante a realização desta pesquisa. À sua esposa, minha consideração e respeito por acompanhar e apoiar o seu trabalho;

A todos os anônimos que, direta ou indiretamente, participaram deste projeto com orações, conselhos ou recursos.

Dedico este trabalho a

*Rosa Maria Soma Wima, meu amor, pelos seus dotes de esposa (verdadeira companheira e auxiliadora) e, acima de tudo, verdadeira serva de Deus;*

*Dudo, Jójo, Fany, Wissom, Nelo, Baca, Graça, Wimara e Yanira, queridos filhos e queridas filhas, que, embora crianças, adolescentes e jovens, compreendiam quando o pai se encontrava atarefado;*

*Os membros da Igreja Evangélica Luterana de Angola nas congregações de Cabinda, Luanda, Lubango, Huambo, Uige, Moxico e Namibe, que incansavelmente oravam por nós;*

*Os colegas pastores e suas esposas de todas as congregações do Distrito do Huambo, pela compreensão quanto ao atraso de certos programas de visitas, não efetuados a tempo, e pelas orações;*

*Os membros da Congregação dos Filipenses do Huambo, pelas suas orações;*

*Os professores e casais;*

*Todos os e todas as colegas da Faculdades EST que puderam compartilhar conosco os momentos difíceis, em particular, aqueles que dividiram o quarto e a cozinha comigo;*

*José Sassicu, Domingos Momas e Wilka Ndadelawo, nossos colegas de trabalho, pelo encorajamento e apoio multifacetado que nos prestaram;*

*Tomás Ndawanapo, Mário Passala Velho, António Alfredo Barros, Nicolau Sandambongo e Selistino Savilumba, nossos irmãos na fé.*



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABCFM	<i>American Board of Commissioners for Foreign Missions</i> (Junta Americana de Comissários para as Missões Estrangeiras)
AEA	Aliança Evangélica de Angola
BMS	<i>Baptist Missionary Society</i> (Sociedade Missionária Batista)
CICA	Conselho das Igrejas Cristãs de Angola
CEAST	Conferência Episcopal de Angola e São Tomé
ELCA	<i>Evangelical Lutheran Church in America</i> (Igreja Evangélica Luterana da América)
ELCIN	<i>Evangelical Lutheran Church in Namibia</i> (Igreja Evangélica Luterana da Namíbia)
EST	Escola Superior de Teologia/Faculdades EST
FAPLA	Forças Armadas Populares de Libertação de Angola
FLEC	Frente para a Libertação do Enclave de Cabinda
FLM	Federação Luterana Mundial
IECA	Igreja Evangélica Congregacional de Angola
IECLA	Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Angola
IELA	Igreja Evangélica Luterana de Angola
IELSA	Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola
INSS	Instituto Nacional de Segurança Social
ISTEL	Instituto Superior de Teologia Evangélica no Lubango
LUCSA	<i>Lutheran Communion in Southern Africa</i> (Comunidade dos Luteranos na África Austral)
MAPESS	Ministério da Administração Pública, Emprego e Segurança Social
MELF	Missão Evangélica Luterana Finlandesa ( <i>Suomen Lähetysseura</i> )
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
PIDE	Polícia Internacional de Defesa do Estado
Pr.	Pastor
Pr. <sup>a</sup>	Pastora
Rev.	Reverendo

## **RESUMO**

O presente trabalho pretende analisar as formas de sustento de pregadores/as que vêm sendo praticadas no contexto da Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA) desde seu surgimento até os dias atuais. As dificuldades econômicas, as condições sociais dos/as pregadores/as e a falta de ensino da Palavra de Deus aos membros das congregações no tocante às contribuições para a causa da fé cristã têm sido grandes limitações ao trabalho pastoral e missionário. Por conseguinte, isso afeta o desenvolvimento da IELA em todas as dimensões: econômica, geográfica, numérica e poimênica. A IELA busca caminhos que apontem na direção da autonomia em sentido amplo. Portanto, a pesquisa quer ajudar na compreensão do contexto em que a Igreja se encontra, permitindo assim uma percepção um pouco mais clara dos limites e das possibilidades do trabalho dos/as pregadores/as luteranos/as em Angola.

Palavras-chave: Sustento de pregadores/as. IELA. Dízimos e ofertas. Angola.

## **ABSTRACT**

This paper intends to analyze the ways in which preachers have been sustained in the context of the Evangelical Lutheran Church of Angola (IELA) from its inception to the current days. The economic difficulties, the social conditions of the preachers and the lack of teaching the Word of God related to the contributions for the cause of the Christian faith, to the members of the congregations have presented great limitations to the pastoral and missionary work. Consequently, this affects the development of the IELA in all dimensions: economic, geographic, numerically and poimenically. The IELA seeks paths which point in the direction of autonomy in a broad sense. Therefore, the research aims at helping in the comprehension of the context in which the church finds itself, thus permitting a clearer perception of the limits and possibilities of the work of the Lutheran preachers in Angola.

**Keywords:** Sustenance of the preachers. IELA. Tithes and offerings. Angola.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 O SUSTENTO DE PREGADORES/AS NA REFLEXÃO BÍBLICA E NA REFORMA LUTERANA</b>	<b>13</b>
1.1 O sustento de pregadores/as no Antigo Testamento	13
1.1.1 Origem e aplicações do termo “levita”	13
1.1.2 O dízimo no Antigo Testamento	14
1.1.3 O dízimo e os primogênitos	15
1.1.4 O sustento de pregadores/as na Lei Mosaica	16
1.1.5 A classe dos levitas, viúvas, órfãos e forasteiros	18
1.1.6 O sustento dos levitas, viúvas, órfãos e forasteiros	19
1.1.7 O sustento dos levitas nos tempos dos profetas	21
1.2 O sustento de pregadores/as no Novo Testamento	22
1.2.1 O dízimo no Novo Testamento	22
1.2.2 O sustento de pregadores/as no tempo de Jesus	24
1.2.3 O sustento de pregadores/as no tempo dos apóstolos	26
1.2.3.1 O sustento de pregadores/as na perspectiva de Paulo	27
1.2.3.2 Alternativa para o sustento de pregadores/as em Paulo	29
1.2.3.3 Como se sustentavam as viúvas, os órfãos e os forasteiros no tempo apostólico?	31
1.3 O sustento de pregadores/as na Reforma Luterana	33
<b>2 O SUSTENTO DE PREGADORES/AS NAS IGREJAS EM ANGOLA</b>	<b>37</b>
2.1 Breve história da Igreja Metodista no Norte de Angola	37
2.2 Breve história da Igreja Congregacional no Planalto Central de Angola	40
2.3 Etapas de implementação da IELA	44
2.3.1 No Cunene	44
2.3.2 O trabalho realizado pelos missionários alemães	46
2.3.3 O trabalho realizado pelos missionários angolanos	47
2.3.4 O trabalho realizado pelos missionários finlandeses	48
2.3.5 A atividade missionária luterana em Cabinda	49
2.4 Oficialização da Igreja Evangélica Luterana de Angola	50
2.4.1 O processo de unificação entre a IECLA e a IELSA	50
2.4.2 Dificuldades de sustento dos/as pregadores/as luteranos/as em Angola	52
2.5 As relações de cooperação entre a MELF e a IELA	56
2.5.1 MELF: fundamentação teológica e princípios de cooperação	56
2.5.2 IELA: fundamentação teológica e princípios de cooperação	58
2.5.3 Considerações sobre a cooperação entre a IELA e a MELF	59
2.6 A ação social da IELA	62
2.6.1 A formação de pregadores/as para o ministério diaconal	62
2.6.2 A cooperação entre as organizações cristãs nacionais e internacionais	63
<b>3 O SUSTENTO DE PREGADORES/AS NA IELA: AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS</b>	<b>65</b>
3.1 Avaliação do sustento de pregadores/as na IELA	65
3.2 A importância de um planejamento de sustento de pregadores/as	73
3.3 Considerações sobre o futuro da IELA	76
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>81</b>

## INTRODUÇÃO

Com 1.276.700 km<sup>2</sup> de superfície<sup>1</sup>, Angola é um país de significativa diversificação cultural. Todavia, os distintos grupos tribais partilham a crença num Ser superior, ao qual procuram com veemência. A guerra civil é também uma realidade comum ao país, assolado pelo flagelo dos conflitos armados durante aproximadamente 30 anos. Em decorrência disso, várias populações emigraram de seus locais de origem para zonas mais seguras. Felizmente, com o fim da guerra, muitos têm retornado e Angola, diferente do clima de incerteza do passado, é hoje um país inserido no fenômeno da globalização. Cabe indagar, no entanto, o quanto a Igreja cristã angolana tem se apercebido disso.<sup>2</sup> Caso esteja a par das mudanças econômicas, como vem tratando da questão do sustento dos/as pregadores/as?

Esta dissertação procurará responder essa pergunta. Por meio deste trabalho, o leitor e a leitora obterão esclarecimentos quanto ao que dizem as Sagradas Escrituras a respeito do sustento daqueles que se dedicam à proclamação do Evangelho. Refletir-se-á sobre como a Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA) tem sustentado seus obreiros, analisando os sucessos e as dificuldades. Pretende-se conscientizar a IELA de que os tempos de ontem não são os mesmos de hoje e, assim, contribuir para a melhoria do sistema de sustento dos/as pregadores/as no contexto angolano.

A abordagem do tema será feita em três capítulos. O primeiro capítulo fará uma aproximação do assunto do sustento de pregadores/as a partir da reflexão bíblica e da Reforma Luterana. Em relação ao Antigo Testamento, serão consideradas questões como as seguintes: O que era o dízimo? E primícias? O que a Lei mosaica dizia sobre o sustento dos sacerdotes? Que tipo de amparo havia para os levitas, as viúvas, os órfãos e os forasteiros? Como os profetas eram sustentados? Quanto ao Novo Testamento, investigar-se-á como define o dízimo. Semelhantemente, procurar-se-á observar como Jesus e seus discípulos se sustentavam e descobrir o pensamento do apóstolo Paulo sobre o tema. Não ficará de fora o exame do sustento das viúvas, dos órfãos e dos forasteiros na época apostólica. Em seguida, a pesquisa ocupar-se-á de como Lutero lidou com o sustento dos pregadores/as.

O segundo capítulo focalizará as Igrejas em Angola e os modos como administram o sustento de seus/suas pregadores/as. Começará com uma breve história das Igrejas Metodista

---

<sup>1</sup> ANGOLA. *República de Angola – Portal Oficial do Governo de Angola*. Disponível em: <<http://www.governo.gov.ao/opais.aspx>>. Acesso em: 17 jan. 2014.

<sup>2</sup> VELHO, Mário Passala. *As estratégias missionárias da Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA) no contexto atual de Angola*. 2012. 74 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012. f. 13.

e Congregacional no país, passando, em seguida, às etapas de implementação da Igreja Evangélica Luterana de Angola: o trabalho missionário dos alemães, angolanos e finlandeses; a unificação de duas igrejas; as dificuldades de sustento dos/as pregadores/as; a parceria entre a MELF e a IELA. O capítulo finaliza com uma reflexão sobre a ação social da IELA.

O terceiro capítulo fará uma análise crítica das estratégias da IELA para o sustento dos/as pregadores/as e delineará algumas perspectivas. Nesse sentido, examinar-se-á a compatibilidade entre os procedimentos de sustento e as instruções bíblicas, além de serem sugeridas contribuições e correções.

Finalmente, a conclusão oferecerá um resumo das reflexões elaboradas, destacando a validade e a aplicabilidade de uma estratégia bíblico-teológica de sustento de obreiros para a IELA.

Esperamos, pois, que esta pesquisa sirva aos propósitos da IELA no que se refere ao crescimento da qualidade do sustento de seus/suas pregadores/as.

# 1 O SUSTENTO DE PREGADORES/AS NA REFLEXÃO BÍBLICA E NA REFORMA LUTERANA

## 1.1 O sustento de pregadores/as no Antigo Testamento

O Antigo Testamento não nos fornece nomes de pregadores/as, mas encontramos indicações claras dessa atividade como parte da função dos levitas, com a qual iremos começar, avaliando a origem e as aplicações do termo.

### 1.1.1 Origem e aplicações do termo “levita”

A palavra hebraica *lēwî* está ligada à raiz *lāwâ*, que significa “juntar”.<sup>3</sup> Roland de Vaux esclarece o seguinte:

A etimologia da palavra *lewy* é incerta. Ela foi ligada ora a um ora a outro dos três sentidos que o radical *lwh* tem em hebraico: 1) “girar em roda”, o levita seria o homem das danças extáticas, como os dervises giradores e profetas; 2) “acompanhar, ligar-se a alguém”, esta é a etimologia proposta pela própria Bíblia: no nascimento de seu filho, Lia o chama Levi pois, diz ela, “desta vez meu marido se ligará a mim”, Gn 29.34; os membros da tribo de Levi são “ligados” a Arão, Nm 18.2 e 4. [...] 3) por fim, “emprestar, dar em penhor”, mesmo que a Bíblia não use o verbo *lwh* nesse sentido a respeito dos levitas ela tem expressões bastante próximas: os levitas são “dados” a Iahvé em lugar dos primogênitos, Nm 3.12; 8.16; o jovem Samuel é “cedido” a Iahvé, 1 Sm 1.28.<sup>4</sup>

A primeira não é sustentada pela Bíblia, pode ser descartada. A segunda, porém, possui respaldo bíblico.<sup>5</sup> Levi significa “unir”, mas a passagem mencionada refere-se à união entre o esposo e a esposa.

De acordo com Anísio Renato de Andrade

Os levitas começaram a se destacar entre as 12 tribos de Israel por ocasião do episódio do bezerro de ouro. Quando Moisés desceu do monte e viu o povo entregue à idolatria, encheu-se de ira e cobrou um posicionamento dos israelitas. Naquele momento, os descendentes de Levi se manifestaram para servirem somente ao

---

<sup>3</sup> COSTA, Ivaldo. Levitas, quem são? *Estudos Adoração.com.br*. Disponível em: <<http://www.netgospel.com.br/php/artigos/print.php?codigo=40&secao=13&colunista=12>>. Acesso em: 24 set. 2013.

<sup>4</sup> DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 397.

<sup>5</sup> DE VAUX, 2004, p. 397.

Senhor (Êx 32:26). Daí em diante, os levitas se tornaram ministros de Deus. Dentre eles, alguns eram sacerdotes (família de Aarão) e os outros, seus auxiliares. Embora os sacerdotes fossem levitas, tornou-se habitual separar os dois grupos. Então, muitas das vezes em que se fala sobre os levitas no Velho Testamento, a referência se aplica aos ajudantes dos sacerdotes.<sup>6</sup>

Os levitas desempenhavam determinadas funções: servir no Santuário (Nm 3; 4; 8; 18); ajudar nos sacrifícios (Jr 33.18); transportar a Arca da Aliança e introduzi-la no oráculo do Santuário (Nm 3.30s; 4.1-15; 1Cr 15.2; 2Cr 5.4s, 7); ensinar a Lei (Dt 31.9-12; 2Cr 31.4; Ne 8.7-9); abençoar o povo em nome do Senhor (Nm 6.23-27; 2Cr 30.27).

Acerca de outras atribuições dos levitas, Andrade diz o seguinte:

Muito tempo depois, Davi inseriu a música como parte integrante do culto. Afinal, ele era músico e compositor desde a sua juventude (I Sm 16:23). Então, atribuiu a alguns levitas a responsabilidade musical. Em I Crônicas (9:14-33; 23:1-32; 25:1-7), vemos diversas atribuições dos levitas. Havia então entre eles porteiros, guardas, padeiros e também cantores e instrumentistas (II Crônicas 5:13; 34:12).<sup>7</sup>

Nessa época, surgiu a maior parte dos salmos de Israel. Para falarmos do sustento dos pregadores, temos que observar como era compreendido o dízimo no Antigo Testamento.

### 1.1.2 O dízimo no Antigo Testamento

O dízimo no Antigo Testamento ocorre tanto na legislação quanto fora dela:

Deus outorgou as leis do Antigo Testamento com o objetivo duplo de mostrar a corrupção geral da humanidade e a soberania do Senhor sobre o universo todo, de modo especial sobre o seu povo escolhido. As leis visavam o bom relacionamento vertical do homem com Deus, e o relacionamento horizontal do homem com o homem, sem o que não poderia haver paz. Paz tríplice: do homem com Deus, do homem com o homem e do homem consigo mesmo.

A lei do Senhor cobria, pois, todas as áreas da vida humana. As que diziam respeito ao dízimo objetivavam regulamentar a mordomia dos bens materiais.

[...] **O dízimo dos seus rebanhos, um de cada dez animais que passem debaixo da vara do pastor, será consagrado ao SENHOR.** Levítico 27.30-32 [...] **traremos para os depósitos do templo de nosso Deus, para os sacerdotes, [...] as nossas primeiras ofertas** [...] **“Não negligenciaremos o templo de nosso Deus.”** Neemias 10.37-39 [...] **Assim que se divulgou essa ordem, os israelitas deram com generosidade o melhor do trigo, do vinho, do óleo, do mel e de tudo o que os campos produziam. Trouxeram o dízimo de tudo.** [...] o sumo sacerdote Azarias, da família de Zadoque, respondeu: **“Desde que o povo começou a trazer suas contribuições ao templo do SENHOR, temos tido o suficiente para comer e ainda**

<sup>6</sup> ANDRADE, Anísio Renato de. O que é um levita? *Núcleo de apoio cristão*. Disponível em: <<http://www.montesiao.pro.br/estudos/adoracao/oquelevita.html>>. Acesso em: 24 set. 2013.

<sup>7</sup> ANDRADE, Anísio Renato de. O que é um levita? *Núcleo de apoio cristão*. Disponível em: <<http://www.montesiao.pro.br/estudos/adoracao/oquelevita.html>>. Acesso em: 24 set. 2013.



*tem sobrado muito, pois o SENHOR tem abençoado o seu povo, e esta é a grande quantidade que sobra".* 2 Crônicas 31.5-10 [...]

Entretanto, quatrocentos anos antes da promulgação da lei, Abraão entregou dízimos a Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo [...] E tipo de Cristo. [...]

O neto de Abraão, Jacó, reconheceu a existência do princípio moral do dízimo, inscrito no coração, como os dez mandamentos. [...] E fez um voto em Betel. [...]

Não é possível, portanto, que alguém diga que o dízimo é cláusula da lei de Moisés, e que pelo fato de não estarmos sob a lei, mas sob a graça, estamos isentos do dízimo.<sup>8</sup>

Iremos aprofundar mais a questão dos dízimos. Agora chegamos ao momento de tratar do dízimo e dos primogênitos.

### **1.1.3 O dízimo e os primogênitos**

Em Dt 14.22-29, lemos:

Certamente, darás os dízimos de todo o fruto das tuas sementes, que ano após ano se recolher no campo. E, perante o SENHOR, teu Deus, no lugar que escolher para ali fazer habitar o seu nome, comerás os dízimos do teu cereal, do teu vinho, do teu azeite e os primogênitos das tuas vacas e das tuas ovelhas; (...) come-o ali perante o SENHOR, teu Deus, e te alegrarás, tu e a tua casa; porém não desampararás o levita que está dentro da tua cidade (...) Ao fim de cada três anos, tirarás todos os dízimos do fruto do terceiro ano e os recolherás na tua cidade. Então, virão o levita (...), o estrangeiro, o órfão e a viúva que estão dentro da tua cidade, e comerão e se fartarão (...)<sup>9</sup>

Percebe-se, nessa passagem bíblica, que os israelitas separavam anualmente os dízimos de toda sua produção. Quando esse dízimo era entregue, havia uma grande festa. Participavam os israelitas e, junto com eles, os levitas e os sacerdotes, os quais não tinham acesso à terra para cultivar. Eles tinham a missão especial de trabalhar no Templo do Senhor. No livro de Levítico (27.30-33), está dito que os dízimos pertencem a Deus.

De acordo com Nm 18.21, os dízimos todos pertenciam aos levitas. Destinavam-se ao pagamento dos trabalhos prestados por eles na tenda da congregação. Os dízimos serviam, portanto, para a manutenção do Templo, dos levitas e dos sacerdotes.

<sup>8</sup> DÍZIMOS e ofertas. *Igreja Vivendo o Novo*. Disponível em: <<http://www.nossodeus.com.br/arquivos/D%C3%ADzimos%20e%20Ofertas.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2013.

<sup>9</sup> As citações bíblicas, salvo indicação em contrário, foram extraídas de A BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

A segunda parte de Dt 14.22-29 mostra uma coisa diferente. A cada três anos, tais dízimos eram entregues totalmente, outra vez aos levitas, mas também à viúva, ao órfão e ao forasteiro. Agora, enfatiza-se o pobre como beneficiário da festa.

Nas sociedades africanas tradicionais, as colheitas eram consideradas um sinal importante da bondade de Deus, portanto, eram oferecidas em adoração pela mediação dos antepassados. A prescrição para os israelitas separarem o dízimo também reconhecia que a terra e tudo que a torna fértil pertenciam a Deus.<sup>10</sup>

Em Dt 12.6, 11, 17s, mostra-se claramente que os israelitas deviam levar seus dízimos e primogênitos ao Santuário Central. Os dízimos e os primogênitos aparecem juntos em Dt 14.22s. O dízimo corresponde à décima parte da renda, esta proveniente de colheita, salário, venda de bem ou qualquer outra fonte. Jacó faz uma promessa a Deus ao dizer: “(...) de tudo quanto me concederes, certamente eu te darei o dízimo” (Gn 28.22). Essas ofertas eram provavelmente levadas ao Santuário à época da Festa dos Tabernáculos ou da Festa das Semanas (Pentecoste) (Dt 16.9-17). Mas, tendo em vista a dificuldade de transportar esses dízimos durante viagens longas, em Deuteronômio (14.24-26), recomenda-se convertê-los em dinheiro, o qual podia, então, ser usado para adquirir bens equivalentes às ofertas das refeições sagradas realizadas no Santuário central com toda família. Esses bens incluíam vacas, ovelhas, vinho e bebida forte.

O dízimo era uma instituição muito importante para a vida de Israel. Profetas e lideranças do povo repreendiam-no por não levar os dízimos à casa do Senhor e, com isso, provocar o descontentamento de levitas e músicos, aos quais restava regressarem à sua terra natal por causa da fome (Ne 13.10s; Ml 3.6-12). Note-se, assim, como os levitas, os órfãos, as viúvas e os forasteiros eram sustentados. Mostraremos, em seguida, o sustento dos/as pregadores/as na Lei mosaica.

#### ***1.1.4 O sustento de pregadores/as na Lei mosaica***

Segundo a Bíblia, Levi era um dos filhos de Jacó, os quais dariam origem às doze tribos de Israel. Os levitas foram separados para exercer funções sagradas por iniciativa do próprio Deus (cf. Nm 3.12; 8.15s). Eles foram postos a serviço de Arão (Nm 3.9; 18.6). Após o povo ter violado a aliança com Deus instando Arão a fabricar um bezerro de ouro, os levitas

<sup>10</sup> ADEYEMO, Tokunboh. *Comentário Bíblico Africano*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 232.

ficaram ao lado de Moisés contra aquele feito (Ex 32.25-29). Conforme Dt 10.6-9, depois da morte de Arão, a tribo de Levi foi separada para exercer o ministério perante o Senhor.

A tribo de Levi gozava de um estatuto especial: eles não tinham parte em Israel (Nm 18.24; Dt 18.1). Os levitas não receberam nenhum território na partilha de Canaã, pois a sua herança era o Senhor, o Deus de Israel (Js 13.14, 33). Desse modo, o sustento deles provinha somente dos dízimos (Nm 18.21-24) e, das demais tribos, deveriam receber cidades para habitarem (Nm 35.1-8; Js 21). Dos dízimos obtidos, eles próprios deveriam entregar um dízimo a Arão, o sacerdote (Nm 18.25-28). A prescrição enfatizava sua subordinação aos sacerdotes, além de lhes permitir fazerem uma oferta ao Senhor. A obediência a essa ordem também era importante para que os levitas fossem poupados do castigo da morte (Nm 18.32).

Nos chamados “livros históricos” (de Josué a Ester), encontram-se também importantes informações a respeito da prática do dízimo por parte dos israelitas.

Estes livros registram a história de Israel, desde a ocupação da Palestina sob a liderança de Josué, passando pelas apostasias que levaram o povo a ser expulso pelos assírios e babilônios, até a restauração parcial pelos persas. O período cobre aproximadamente 1000 anos, de 1405 até 425 a.C. Estes livros dão a estrutura histórica ao restante do Antigo Testamento até a época de Neemias e Malaquias. Vão de Moisés, o legislador, até Esdras, mestre da lei.<sup>11</sup>

Neemias censurou os que oficiavam por permitirem que a casa de Deus ficasse desamparada. Ele lhes recordou o compromisso que os israelitas haviam assumido: “(...) não desampararíamos a casa do nosso Deus” (Ne 10.39). Descumprindo a promessa, os levitas abandonaram os seus postos. Neemias, porém, fê-los lembrar que tinham suas responsabilidades. O povo também trouxe os dízimos como se lhes exigia (Ne 11–13).

Para garantir a boa administração dos estoques, Neemias designou alguns supervisores (Ne 12.44; 13.13). O caráter virtuoso desses homens é descrito por meio da expressão “foram achados fiéis”. A capacidade de inspirar confiança é, sem dúvida, uma qualidade que se espera de todo líder. O continente africano está passando por severa crise de confiança. O ceticismo predomina e as igrejas não estão isentas dessa tendência. Não sabemos mais a quem confiar o dinheiro e os bens da igreja, pois alguns daqueles que foram incumbidos dessa responsabilidade estão desviando esses recursos para benefício próprio. A leitura de Neemias nos motiva a exercer mais controle nessa área.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. Tradução de Emma Anders de Souza Lima. São Paulo: Vida, 1993. p. 65.

<sup>12</sup> ADEYEMO, 2010. p. 560.

A reforma de Neemias significou a restauração do culto e do sacerdócio levítico em Israel. Naquele período, os levitas gozavam sua alegria, mas, com o tempo, foram inseridos entre as viúvas, os órfãos e os forasteiros.

### ***1.1.5 A classe dos levitas, viúvas, órfãos e forasteiros***

Com o crescimento das tribos em Israel e a divisão de classes, a tribo dos levitas foi inserida entre os pobres que mereciam a ser protegidos: “Alegrar-te-ás perante o SENHOR, teu Deus, tu, e o teu filho, e a tua filha, e o teu servo, e a tua serva, e o levita que está dentro da tua cidade, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva que estão no meio de ti (...)” (Dt 16,11).

A situação da mulher era difícil porque dependia do homem. Quando em casa, dependia diretamente do pai. Ocorrendo a morte deste, passava a depender dos irmãos e, se tivesse casado, submetia-se ao marido. Ela não tinha o direito jurídico das heranças. Do mesmo modo, também as crianças órfãs, com menos de 18 anos, não tinham direito a qualquer posse. A viúva sem filho devia retornar para os seus pais (cf. Gn 38; Lv 22.13). Se o filho de um homem fosse maior de idade, adquiria direito sobre as posses do pai e passava a sustentar os irmãos.

Um menor órfão tinha direito às posses do pai, mas havia pessoas livres que se aproveitavam, usurpando-lhe os haveres. “Não removas os marcos antigos, nem entres nos campos dos órfãos (...)”, lê-se no livro de Provérbios (23.10). Se bem que lhe fosse devida, a terra do órfão era roubada enquanto este ainda se encontrava na menoridade, isto porque não havia um tribunal capaz de julgar tais casos. O mesmo acontecia com os forasteiros, às vezes chamados estrangeiros, visto que se tratava de pessoas expulsas de suas tribos por cometerem algum delito ou violarem alguma lei. Por causa disso, não podiam contar com a proteção obtida por intermédio de um tribunal de aldeia. Privados do acesso legal à terra, dependiam das famílias de boa fé, principalmente no tocante ao seu pão de cada dia.

Todavia, a condição de forasteiro devia-se, entre outros motivos, à fome decorrente das más colheitas (cf. Gn 12.10; 26.1ss; 47.4), à guerra e à devastação, à culpa de sangue e à perseguição (cf. Ex 2.11-15; 2Sm 13.23-38). Qualquer um envolvido em situações como essas dependia da misericórdia oferecida por mãos alheias.

Assim, sob o ponto de vista econômico, o forasteiro geralmente era pobre. Dependia de que lhe dessem trabalho, mas não chegava a tornar-se escravo, apesar de sua condição.

Contudo, também não podia ser considerado livre, já que não dispunha da proteção jurídica da aldeia. Podia sofrer certas proibições ou restrições, pelo que, em seu favor, há textos que lembram aos israelitas que eles mesmos foram escravos no Egito (cf. Ex 22.21; 23.9; Lv 19.33s; Dt 24.17s; 27.19). Como os levitas, viúvas, órfãos e forasteiros eram sustentados.

### ***1.1.6 O sustento dos levitas, viúvas, órfãos e forasteiros***

“Então, virão o levita (pois não tem parte nem herança contigo), o estrangeiro, o órfão e a viúva que estão dentro da tua cidade, e comerão, e se fartarão, para que o SENHOR, teu Deus, te abençoe em todas as obras que as tuas mãos fizerem” (Dt 14.29).

O texto bíblico leva-nos a entender que, a cada três anos, os israelitas tinham por prática entregarem totalmente os dízimos aos levitas, às viúvas, aos órfãos e aos forasteiros. Desse modo, todos se sentiam protegidos por seu Deus, uma vez que havia fartura de pão (Dt 14.22-29). Os pobres conseguiam comer, sendo-lhes assegurado o direito a participar das festas israelitas de Pentecoste e dos Tabernáculos. A primeira se realizava sete semanas após o início da colheita dos cereais; a última, no final do ano. Os forasteiros, as viúvas e os órfãos eram convidados a participar, a fim de agradecer a Deus por comerem e beberem do fruto colhido da terra e pelas ofertas entregues.

Não há como deixar de perceber que, no Antigo Testamento, o pão nosso de cada dia quer ser também o pão dos pobres e marginalizados, o pão dos protegidos de Deus. Portanto, não se trata de mera esmola. Não se refere apenas ao que não se quer mais, ao que ficou velho, ao que estragou ou foi jogado no lixo. Trata-se de um pão nosso dado ao camponês e compartilhado com os marginalizados. A estes se destinam os frutos gratuitos da terra.<sup>13</sup>

O livro de Rute mostra-nos como esta e Noemi foram unidas por circunstâncias que estavam fora do seu controle. Noemi se mudara de Belém de Judá para a terra estrangeira de Moabe devido a um período de fome (1.1). Uma migração decorrente da escassez de alimentos. Esse fenômeno é bastante conhecido na África. Ser um refugiado é uma experiência aflitiva para qualquer um. Nos dez anos de relacionamento em Moabe, essas duas mulheres viveram circunstâncias trágicas. Elimeleque, o marido de Noemi, faleceu (1.3). Além de ter ficado viúva, ela também perdeu os dois filhos, Malom e Quiliom, que se haviam

---

<sup>13</sup> DREHER, Carlos A. O pão dos marginalizados. In: KILPP, Nelson et al. *A salvação se fez pão*. São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 22.

casado com mulheres moabitas, Orfa e Rute (1.4). Rute se viu em situação extremamente complicada. A opressão cultural pesou sobre ela ao se mudar para Belém, pois era uma estrangeira ali.

Em resposta ao conselho de Noemi, Rute fez um juramento que exemplifica a boa relação entre ela e a sogra: “Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus” (1.16).

Rute e Noemi chegaram a Belém na época da colheita da cevada e do trigo. Rute tomou a iniciativa de procurar alimento para si mesma e para a sogra. “Rute, a moabita, disse a Noemi: Deixa-me ir ao campo, e apanharei espigas atrás daquele que mo favorecer. Ela lhe disse: Vai, minha filha! Ela se foi, chegou ao campo e apanhava após os segadores (...)” (2.2-3). Rute conhecia a lei de Israel, segundo a qual viúvas e estrangeiros podiam respigar nos campos:

Quando também segares a messe da tua terra, o canto do teu campo não segará totalmente, nem as espigas caídas colherás da tua messe. Não rebuscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro. Eu sou o SENHOR, vosso Deus (Lv 19.9s).

Quando, no teu campo, segares a messe e, nele, esqueceres um feixe de espigas, não voltarás a tomá-lo; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será; para que o SENHOR, teu Deus, te abençoe em toda obra das tuas mãos. (...) Quando vindimares a tua vinha, não tornarás a rebuscá-la; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será o restante (Dt 24.19, 21).

Essas duas prescrições são fortificadas com o texto que encontramos em Deuteronômio 23,24s: “Quando entrares na vinha do teu próximo, comerás uvas segundo o teu desejo, até te fartares, porém não as levarás no cesto. Quando entrares na seara do teu próximo, com as mãos arrancarás as espigas; porém na seara não meterás a foice.”

O texto bíblico dá a entender que o resto do campo é para os pobres: espigas de cereal, azeitonas, uvas. Essa lei era um modo pelo qual Deus provia de sustento a pessoa na situação da Rute. A intervenção de Deus ainda pode ser observada no fato de Boaz querer saber quem era aquela mulher: “De quem é esta moça?” (Rt 2.5). Dessa forma, Boaz se apresenta a Rute, aconselhando-a que respigasse apenas nos seus campos, a fim de evitar qualquer abuso sexual: “Não dei ordem aos servos, que te não toquem?” (Rt 2.9). Mesmo no momento difícil que Rute estava a viver sob a mão de Deus, Boaz a orienta no trabalho da respiga e garante sua segurança.

Temos, por conseguinte, uma explicação acerca do sustento dos levitas: já que não podiam receber terras em Canaã, os próprios israelitas lhes angariavam provisões. Daqui em diante, veremos como eram sustentados os levitas nos tempos dos profetas.

### ***1.1.7 O sustento dos levitas nos tempos dos profetas***

Nos tempos dos profetas, os levitas continuavam a ser os mesmos cujas atribuições a Lei mosaica regulava. Havia, no entanto, uma diferença entre os levitas e os profetas que trabalhavam diretamente com o rei. Os profetas de Israel foram chamados individualmente e ungidos por Deus para um serviço de “emergência”, em contraste com o serviço regular dos levitas. Profetas (no hebraico, *n<sup>e</sup> bî’îm*) recebiam igualmente as seguintes designações: “videntes” (*rō’îm* ou *hōzîm*), “sentinelas” (*šōpîm*) ou pastores (*rō’îm*). Esses termos indicam as funções pelas quais foram chamados por Deus para interpretar e anunciar a palavra específica do Senhor ao seu povo.<sup>14</sup> A forma de atividade mais frequente dos profetas era a divulgação da mensagem divina entre o povo cada vez que o Senhor a comunicasse. No entanto, os profetas estavam ligados diretamente ao rei.

O profeta podia estar misturado à multidão, algumas vezes, em dias comuns, outras, em ocasiões especiais. De repente, algo lhe acontecia. Seus olhos fixavam-se num ponto, convulsões estranhas dominavam seus membros, mudava seu jeito de falar. As pessoas reconheciam que o Espírito descera sobre ele. Passado o acesso, ele contava o que vira e ouvira aos que estavam ao seu redor.<sup>15</sup> Os profetas estavam inseridos em suas comunidades, com suas famílias e seus contemporâneos. Deus usava-os como pessoas especiais para proclamarem sua mensagem, de modo que certas práticas e comportamentos indevidos do povo fossem corrigidos e este, então, voltasse ao Altíssimo.

A maioria dos profetas não recebia nada, visto que seu ofício era esporádico. Dessa maneira, dispunham de mais tempo para realizar seus trabalhos em casa, junto às respectivas famílias. Os profetas ligados ao rei recebiam seu sustento diretamente da corte ou tinham um salário garantido. Em seguida, veremos como levitas ou pregadores/as eram sustentados no Novo Testamento.

---

<sup>14</sup> ELLISEN, 1993, p. 206.

<sup>15</sup> LASOR, William S. et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 240.

## 1.2 O sustento de pregadores/as no Novo Testamento

Aqui temos de admitir um fato fundamental acerca dos propósitos eletivos de Deus, a saber, que “(...) os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11.29). A todos os seus profetas, Jeová dissera tal como Jesus disse aos seus apóstolos: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros (...)” (Jo 15.16).

O Novo Testamento apresenta-nos os seguintes levitas ou pregadores: João Batista, Jesus Cristo, os apóstolos, os evangelistas, os diáconos, os bispos, os pastores, os profetas, os mestres, os anciões, os doutores, etc. Para obter uma compreensão melhor a respeito de seu sustento, precisamos examinar a questão do dízimo no Novo Testamento.

### 1.2.1 O dízimo no Novo Testamento

O Antigo Testamento impunha ao judeu que contribuísse com dez por cento do produto de seu trabalho para a Casa de Deus. O Novo Testamento, porém, desvela perante o ser humano outra realidade, pois a exigência sob a graça é bem maior. Observe-se, por exemplo, Mt 23.23: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas cousas, sem omitir aquelas.”

A ordem de Jesus Cristo aqui é para que pratiquemos a justiça, a misericórdia e a fé, não nos esquecendo do dízimo, até mesmo das coisas pequenas. Ao se converter, o rico não apenas se prontificou a indenizar quadruplicadamente aqueles a quem defraudara, mas também abriu mão de metade de seus bens. O dízimo de Zaqueu foi de cinquenta por cento (Lc 19.1-10).

Certa vez, Jesus sentou-se junto ao balaio de ofertas, no Templo, a fim de fazer algo que nenhum ser humano pode fazer: observar as contribuições das pessoas e julgar-lhes as intenções (Lc 21.1-4). Uma viúva pobre depositou duas moedas, todo o seu sustento, tudo o que tinha. Cem por cento!

Em outra ocasião, Jesus encontrou-se com um moço rico, de caráter nobre. Este o reconheceu como Messias, uma vez que, segundo Marcos, ajoelhou-se diante do Senhor em adoração. O Evangelho nos diz que Jesus amou-o de imediato. Após ouvi-lo, disse-lhe: “Só



uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me” (Mc 10.21). Jesus não ordenou ao moço rico que se tornasse dizimista: ele já era dizimista. Se não fosse, teria sido desmascarado. Era um moço escrupuloso no cumprimento da Lei de Moisés! Então, Jesus exigiu dele que desse cem por cento. Ali estava um candidato a apóstolo. Um homem íntegro, mas avarento. Sua fortuna possuía-lhe o coração. Jesus lamenta a atitude do rico para com o dinheiro:

Então, Jesus, olhando ao redor, disse aos seus discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Os discípulos estranharam estas palavras; mas Jesus insistiu em dizer-lhes: Filhos, quão difícil é [para os que confiam nas riquezas] entrar no reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus (Mc 10.23-25).

Num outro momento, Jesus disse a seus discípulos no tocante a uma multidão faminta: “Dai-lhes vós mesmo de comer” (Mc 6.37). Mas eles não atinavam como alimentar 5.000 homens. Uma pesquisa rápida revelou que um menino ali tinha “cinco pães de cevada e dois peixinhos”. Os discípulos pediram-lhe que entregasse seu almoço ao Senhor. Que pensamento teria ocorrido ao menino? De penúria? Fome? Ele poderia ter retrucado: “Ora, desculpe-me, mas eu já dei meu dizímo. Agora tu queres meu lanche também? Não posso!” Ao invés disso, o menino pegou seu lanche – um almoço frugal, de pobre – e deu tudo ao Senhor, ficou de mãos vazias. O Evangelho de João (6.11) informa-nos que Jesus “(...) tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles; e também igualmente os peixes, quanto queriam.” Somente após receber a dádiva sacrificial do menino, Jesus realizou o milagre. O garoto recebeu de volta muito mais do que havia dado. A alegria daquele momento superou todas as alegrias de sua vida.

A propósito, Jesus era dizimista. Entre todas as acusações feitas pelos seus inimigos, nunca houve a de que não cumprira a entrega do dízimo. Ele cumpriu todos os preceitos da Lei (Mt 3.15; 5.17-20; 17.24-27; Rm 10.4).

A Igreja Apostólica recebia dízimos, já que a Carta aos Hebreus (7.8) declara que é o próprio Cristo quem recebe nossos dízimos. A Igreja nascente, descrita nos Atos dos Apóstolos, compunha-se de crentes que contribuía não com dez por cento apenas, mas com todos os seus bens (At 4.32ss).

No Novo Testamento, o Senhor exige dos cristãos que entreguem tudo. O crente é escravo de Cristo. Escravo não tem bens, tem Senhor. Assim, o crente que contribui com apenas dez por cento de seu salário para o Reino de Deus iguala-se ao judeu. No entanto, quando “o amor de Cristo nos constrange” (2Cor 5.14), ultrapassamos o zelo e a piedade judaicos e devolvemos a Deus, por amor, o dizímo que lhe pertence. Consequentemente,

contribuímos com ofertas generosas para o Reino. “Cristo ampliou o alcance da Lei mosaica. O Senhor valorizou e aprofundou o objetivo da Lei, indo às suas raízes, ao seu coração. Ao comentar a Lei, o Senhor inaugurou a nova ética evangélica”.<sup>16</sup>

Diz a Lei: “(...) vós me roubais (...) Nos dízimos e nas ofertas. (...) Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro (...) e provai-me nisto (...)” (Ml 3.8-10). Cristo diz:

Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde os ladrões escavam e roubam (...) porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração. (...) Não podeis servir a Deus e às riquezas. Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto aos que haveis de vestir. (...) vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas (Mt 6.19-21, 24s, 32s).

Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus (Mt 5.20).

Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo (Lc 14.33).

Concluimos que, no Novo Testamento, o dízimo é a entrega total das nossas vidas ao Senhor. Isso significa confiar a Ele tudo que possuímos, dizer que tudo que temos provém de Deus. A Deus entregamos o que recebemos de suas mãos. Dez por cento não deveria ser a norma, mas sim a entrega voluntária de cada membro da Igreja.

Temos alguns subsídios para olhar como se dava o sustento de pregadores/as no tempo de Jesus.

### ***1.2.2 O sustento de pregadores/as no tempo de Jesus***

Precisamos, primeiro, entender com clareza como é que Deus enxerga o dinheiro e o ministério cristão. Nossa maior preocupação é ver o trabalho realizado e arranjar o dinheiro para atingir os alvos propostos ao final. Essas metas têm a ver com a obra de Deus, não têm?

Entretanto, a preocupação de Deus é outra. Seu principal interesse é restaurar nosso relacionamento com Ele e uns com os outros. É por isso que estabeleceu as coisas de modo a dependermos financeiramente uns dos outros para realizar sua obra. Jesus deu exemplo disso. No início de sua vida adulta, ele trabalhou como carpinteiro para prover seu sustento.

---

<sup>16</sup> RAMOS, Oswaldo. *Dízimos & Bênçãos*. São Paulo: Vida, 2000. p. 51.

Jesus Cristo, em seu ministério com os seus discípulos, fora cuidado por Deus e pelo povo a quem se dirigia. Esse sustento é confirmado pelo Evangelho de Lucas e pelas cartas do Apóstolo Paulo, mais especificamente as cartas aos Coríntios. No que diz respeito aos pregadores e às pregadoras, a Bíblia aponta, como regra, o serviço voluntário e sacrificial, compartilhado com as atividades normais de vida, e, como exceção, o ministério em tempo integral, exclusivamente dedicado à Igreja. Todavia, nos casos em que as Escrituras se referem a pessoas nessa condição, todas elas desempenham funções que são voltadas para todo tipo de ministério na igreja local.

O ministério de Jesus pode nos servir de exemplo. Como qualquer outro homem de qualquer época, Jesus precisava comer e se vestir, além de cumprir outros compromissos sociais. Como Jesus honrava seus compromissos? As Escrituras dizem-nos que, longe de fazer milagres a cada dia para satisfazer às suas necessidades, ele contava com

“(…) algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais lhe prestavam assistência com os seus bens. (Lc 8.2s)

Se observarmos bem, esse texto mostra-nos que Deus confia missões diversas aos homens e essas missões são presentes, visto que são outorgadas pela graça divina. Cada missão envolve seu próprio equipamento especial, sob a forma de habilidades particulares. Também as missões estão envolvidas na vida. Todas as coisas boas e perfeitas vêm da parte de Deus. Ninguém pode honrar-se a si mesmo. Deus é quem honra os homens. Os sacerdotes, os levitas, as viúvas, os forasteiros e os orfãos de Israel não tinham a posse de seus ofícios para si mesmos. As honrarias lhes foram dadas por Yahweh. Outros somente esperavam pela boa dádiva confiada ao povo israelita através da voz de Deus.

Deus demonstrou seu amor para conosco dando-nos seu único Filho – o maior gesto de generosidade da História. E, em decorrência disso, continua a derramar suas bênçãos sobre nós.

A Palavra de Deus revela que toda boa dádiva vem do Pai Celeste (Tg 1.17). E nós, por nossa vez, demonstramos amor por ele dando a outros. As ofertas, além de fortalecerem nosso relacionamento de amor com Deus, unem nossos corações aos daqueles que as recebem. “Jesus afirmou que onde estivesse o nosso tesouro aí estaria o nosso coração. Quando damos um ‘tesouro’ para determinado ministério ou pessoas, o coração vai junto.”<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> CUNNINGHAM, Loren; ROGERS, Janice. *Fé e Finanças no Reino de Deus*. Tradução de Myrian Thalita Lins. Venda Nova: Betânia, 1993. p. 87.

Quando contribuímos para uma obra missionária que se encontra no outro lado do mundo, em um lugar onde talvez nunca possamos ir, aproximamo-nos muito das pessoas dali e da obra que Deus está realizando. Esse é o modelo pelo qual Deus cria e fortalece relacionamentos entre seus filhos.

Do mesmo modo, quem recebe a oferta vive uma experiência importante. Obter uma dádiva de alguém é algo que nos quebranta, principalmente quando sabemos que o/a ofertante fez sacrifícios ao contribuir para o nosso trabalho.

Jesus foi sustentado não por um grupo, nem por fundos indiretos, mas somente por amigos. Obviamente, não é antibíblico receber sustento indireto, via organização. Entretanto, os benefícios são maiores quando o recebemos diretamente de pessoas conhecidas. Podemos dizer que, no tempo de Jesus, a Igreja não estava organizada conforme hoje. Assim, os apoios institucionais são importantes por causa das políticas de organização das igrejas e não só para melhor acompanhamento e disciplina da gestão dos mesmos recursos.

### ***1.2.3 O sustento de pregadores/as no tempo dos apóstolos***

Algumas mudanças aconteceram por causa de outras realidades. Em decorrência da perseguição dos cristãos, a igreja estendeu-se por quase todo o Império Romano, de modo que nem os cristãos convertidos poderiam satisfazer as próprias necessidades.

“Até à presente hora, sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa, e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos (...)” (1Co 4.11s). Esse texto mostra que, em algumas ocasiões, os cooperadores de Paulo trabalhavam, a fim de que ele estivesse livre para pregar o evangelho.

Em Corinto, Paulo uniu-se ao casal Áquila e Priscila. “E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles e ali trabalhava, pois a profissão deles era fazer tendas” (At 18.3). Eis uma das qualidades do apóstolo: saber fazer alguma coisa! Quando sai a abrir novas frentes, tem como se manter caso as circunstâncias assim o exijam. Nesse caso, Paulo, Áquila e Priscila faziam tendas; no sábado, estavam na sinagoga e entre os judeus pregando a Palavra. Ele para de fazer tendas quando Silas e Timóteo chegam da Macedônia; pelo que, “(...) Paulo se entregou totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus” (At 18.5). Entende-se que seus dois discípulos passaram a trabalhar em busca do sustento, enquanto

Paulo se dedicava à pregação. Não obstante trabalhasse para adquirir seu sustento em Corinto, noutras cidades, Paulo era ajudado por ofertas de várias igrejas. Ele não radicaliza o assunto como alguns que acham que os/as pregadores/as devem viver de ofertas e pela fé; ou conforme outros que acham que o obreiro deve trabalhar para se sustentar. Não, Paulo não se posiciona radicalmente a respeito. Pelo contrário, apesar de tantas vezes trabalhar, lançou a base doutrinária para o sustento de pregadores/as.

### 1.2.3.1 O sustento de pregadores/as na perspectiva de Paulo

Além da abordagem de Jesus sobre sustento – e ele não estava implantando um modelo de sustento para a Igreja –, busca-se, no Novo Testamento, um ensino claro e abrangente sobre o sustento de pregadores/as na igreja local. O único texto claro e específico sobre o assunto é 1Tm 5.17, 18, que aparece na versão da Bíblia de Jerusalém do seguinte modo: “Os presbíteros que exercem bem a presidência são dignos de dupla remuneração, sobretudo os que trabalham no ministério da palavra e na instrução.” A expressão “presidem bem” traduz a mesma palavra grega que aparece nessa mesma carta em 3.4 (“governe bem”): *proistēmi*. Na Almeida Revista e Atualizada, 1Tm 5.17 é lido assim: “Devem ser considerados mercedores de dobrados honorários (...)”. O termo grego *aksioō* pode ser entendido como “merecer”, “ter direito”, “ser correto”. A Almeida Revista e Atualizada o traduz, em At 15.38, como “achava justo”; em At 28.22, como “gostaríamos” ou “pensamos ser correto”; e em 2Ts 1.11, como “digno”. Esses são os únicos lugares no Novo Testamento em que se utiliza *aksioō*. Já a expressão “dobrados honorários” só aparece uma única vez, na Primeira Carta a Timóteo.

Por aparecer totalmente isolado no Novo Testamento, o texto de 1Tm 5.17 tem que ser analisado à luz de todo o ensino de Paulo sobre o sustento de pregadores/as. Isso não quer dizer que um texto isolado sobre um assunto determinará uma doutrina. Outro exemplo: não nos reunimos como fazia a Igreja dos primeiros dias, mas nem por isso deixamos de nos reunir. Se Paulo aparecesse em nossos dias, ficaria assustado com a forma de culto que adotamos. Todavia, como nem ele nem Jesus nos deixaram uma forma de reunião ou encontro de crentes, o Espírito Santo usa a criatividade do povo para entregar o melhor para Deus. Isso também se aplica às finanças. O princípio encontrado nas Escrituras é que Deus sustenta seus/suas pregadores/as, não os abandona em momento algum. O exemplo de Paulo é

imprescindível: o apóstolo defende o direito de ser sustentado ou assalariado como pregador da Palavra: “Se outros participam desse direito sobre vós, não o temos nós em maior medida?” (1Co 9.12). Paulo resume o argumento, declarando: “Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho” (1Co 9.14). Parece claro que a comunidade de Corinto proporcionava sustento para outros obreiros. No entanto, Paulo e Barnabé, a fim de não criar obstáculo à proclamação do Evangelho de Cristo, mediante o uso da liberdade da qual eram portadores, decidiram abrir mão daquele direito.<sup>18</sup>

Esse princípio é refletido não somente no sacerdócio levítico do Antigo Testamento – “Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados do próprio templo se alimentam? E quem serve ao altar do altar tira o seu sustento?” (1Co 9.13) –, mas também em várias passagens do Novo Testamento. Exemplos são Lc 10.7 e Gl 6.6.

“A Bíblia não está [interessada] nas riquezas materiais, mas no desenvolvimento espiritual. Quando a prosperidade financeira segue a prosperidade espiritual, a ganância não encontra terra fértil para se desenvolver.”<sup>19</sup> O soldado espiritual, o lavrador e o/a pregador/a deveriam ter o suficiente.

As igrejas de Cristo são comparadas com rebanhos de ovelhas, ao passo que os ministros da Palavra são os pastores, que exercem cuidado e supervisão sobre elas, alimentando-as com o conhecimento e o entendimento; e é apenas direito e justo que desfrute [sic] do fruto de seus labores, obtendo apropriado e conveniente sustento, tal como aquele que alimenta um rebanho deve tomar de seu leite que o mesmo produz.<sup>20</sup>

Paulo exigia das pessoas que estivessem trabalhando de alguma maneira, a fim de ganhar, com o seu suor, o suficiente não apenas para seu próprio sustento, mas também para o de seus familiares. Além disso, o resultado do trabalho deveria ser destinado também ao auxílio dos pobres (Ef 4.28; 2Ts 3.12s).

“Mas aquele que está sendo instruído na palavra faça participante de todas as coisas boas aquele que o instrui” (Gl 6.6). Esse princípio mostra que o/a pregador/a deve viver do seu trabalho ou daquilo que faz.

“Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam. Vivei em paz uns com os outros” (1Ts

<sup>18</sup> WEINGAERTNER, Martin; TUENNERMANN, Rudi; PALM, Airton Haerter. *Sopro do Espírito: 1Coríntios*. Curitiba: Encontrão Editora, 1996. p. 75.

<sup>19</sup> CARLSON, Raymond et al. *Manual Pastor Pentecostal: Teologia e práticas pastorais*. Tradução de Luis Aron de Macedo. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 148.

<sup>20</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. Volume 4: 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios. p. 133.

5.12s). Não é só dinheiro o que o/a pregador/a necessita. Precisa também do apoio dos crentes, das suas orações em prol da expansão do Reino de Deus; precisa que aqueles se unam a ele na luta espiritual, através das suas contribuições e da sua intercessão.

### 1.2.3.2 Alternativa para o sustento de pregadores/as em Paulo

“Se outros participam desse direito sobre vós, não o temos nós em maior medida? Entretanto, não usamos desse direito; antes, suportamos tudo, para não criarmos qualquer obstáculo ao evangelho de Cristo” (1Co 9.12).

“A palavra ‘...obstáculo...’, usada somente aqui em todo N.T. grego, indica um ‘corte’ feito em uma estrada, a fim de impedir que o inimigo continue na perseguição. [...] A forma verbal (egkoto) significa ‘impedir’, ‘contrariar, exaurir, adiar, deter’.”<sup>21</sup>

Paulo tinha todo direito de receber o sustento daquela comunidade cristã a quem se dirigia. Ele e Barnabé poderiam legitimamente esperar que os crentes de Corinto os sustentassem em suas necessidades diárias. Não haveria necessidade de Paulo e Barnabé se ocuparem de um trabalho secular para sustentarem a si mesmos (1Co 9.3-11).

Paulo tinha a grande paixão de ser “independente”, de não se sentir moralmente responsável perante quem quer que fosse, a fim de permanecer como liberto de Cristo. Também queria estar livre para repreender, para louvar, para ensinar, para corrigir, para exercer autoridade. 2Ts 3.6-9 revela-nos que Paulo trabalhava com as próprias mãos, de modo a dar um bom exemplo aos outros. Mostrava, assim, que tal trabalho é honroso e que os/as pregadores/as do evangelho de nada precisam envergonhar-se caso seja necessário trabalharem para sustentar seus familiares. Por outro lado, vários textos bíblicos mostram que os trabalhos manuais eram pouco respeitados pelos gregos: “(...) e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos (...)” (1Co 4.11s). Paulo exortara a comunidade de Tessalônica, dizendo: “(...) e a diligenciardes por viver tranqüilamente [*sic*], cuidar do que é vosso e trabalhar com as próprias mãos, como vos ordenamos (...)” (1Ts 4.11). Porém, Paulo havia abandonado todos os seus direitos por amor ao evangelho. O apóstolo usa vários exemplos cotidianos para provar que suas reivindicações não eram exageradas. Soldados, fazendeiros e

---

<sup>21</sup> CHAMPLIN, 2002, p. 136.

pastores, todos recebiam sustento por seu trabalho. Não havia razão para um ministro do evangelho como Paulo não ganhar o sustento necessário ao desempenho de seu ofício de pregador. De fato, seu ponto de vista podia ser apoiado pelas Escrituras, como prova ao citar o livro de Deuteronômio (1Co 9.9; cf. Dt 25.4). Paulo afirma claramente seus direitos com relação à igreja de Corinto (1Co 9.10-12a). Após haver argumentado largamente nessa direção, Paulo, no entanto, recusa-se a aceitar tais privilégios. Acrescenta, inclusive, que suportara tudo, a fim de não permitir que seus direitos se tornassem pedras de tropeço ao progresso do evangelho (1Co 9.12b).

Contudo, Paulo tinha o direito de receber o sustento deles, assim como aqueles que prestavam serviço sagrado no Templo de Jerusalém tinham o direito de receber seu sustento dos sacrifícios e das ofertas (1Co 9.13). De acordo com o Antigo Testamento, aos sacerdotes era dada toda a carne das ofertas pelo pecado e pela culpa e quase todo o grão das ofertas de cereais. A eles eram conferidos também cortes específicos das ofertas queimadas e das ofertas pacíficas, as primícias das colheitas de trigo, cevada, uva, figo, romã, azeitona e mel, além do dizímo dos dizímos entregue pelos levitas. Esses suprimentos cobririam todas as suas necessidades. Paulo insiste em que não deveria haver nenhuma diferença entre essa prática do Antigo Testamento e a das comunidades cristãs. Jesus também disse a mesma coisa.

[Paulo] afirma: “Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho” (v. 14). Ele usa um verbo muito forte: ordenou. Paulo, no entanto, não se serviu de nenhuma dessas possibilidades, mas jamais posicionou-se [*sic*] contra os que viviam do evangelho. Por questões pessoais, Paulo não recebia sustento da igreja de Corinto, mas o recebia de outras igrejas, conforme ele mesmo declara em Filipenses 4.18: “Recebi tudo, e tenho abundância; estou suprido, desde que Epafrodito me passou às mãos o que me veio de vossa parte, como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus.” Quantos de nós poderíamos dizer: “estou suprido”, “de nada tenho falta”?

O que mostramos acima deveria ser entendido por todo obreiro desde o dia de seu chamamento. Ele tem direito a trabalhar com suas próprias mãos para o seu sustento, mas também direito de receber pelo trabalho que faz. Isso deve ser também entendido pela igreja, para que saiba dimensionar um salário justo que cubra todas as necessidades do obreiro e de sua família. Trabalhar com as próprias mãos, [*sic*] pode ser bom, mas não é método do próprio Deus para seus obreiros [...] Existem implicações no crescimento da Obra quando o obreiro precisa dedicar seu tempo todo em busca de sustento, e isso deve ser levado em consideração se a igreja local tem visão de crescimento e de expansão do Reino!<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> SOUZA, João A. de. Princípios bíblicos para o sustento do obreiro. *Amofamília*. Disponível em: <[http://amofamilia.com.br/portal/artigos\\_detalhe.asp?cod=880&sessao=20#.UITGb4u5fIU](http://amofamilia.com.br/portal/artigos_detalhe.asp?cod=880&sessao=20#.UITGb4u5fIU)>. Acesso em: 24 set. 2013.



### 1.2.3.3 Como se sustentavam as viúvas, os órfãos e os forasteiros no tempo apostólico?

Logo no início da Igreja primitiva, a preocupação com as viúvas, os órfãos e os forasteiros prevalecia, assim como no Antigo Testamento, ainda que tenham acontecido certas mudanças: “Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária” (At 6.1).

O velho problema da discriminação tinha emergido: as viúvas dos judeus helenistas eram consideradas forasteiras pelos judeus nativos da Palestina e, por isso, não estavam recebendo a porção distribuída diariamente.<sup>23</sup> A reclamação dizia respeito ao bem-estar delas. Percebendo que as viúvas não eram capazes de ganhar o próprio sustento e que não tinham parentes que as sustentassem, a Igreja assumiu essa responsabilidade, proporcionando uma distribuição diária de comida entre elas.

Entretanto, havia dois grupos na igreja de Jerusalém, um chamado helenista e o outro, hebreu. O primeiro murmurava contra o segundo porque as suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária. É errado imaginar que a comunidade de cristãos se tenha fragmentado devido à insatisfação acerca do compartilhamento de bens. Pelo contrário, eles se tornaram ainda mais unidos, perseverando em cooperação com o número cada vez maior de membros que, a essa altura, já havia ultrapassado cinco mil (At 4; 5.14).

Com o crescimento da comunidade cristã, tornou-se cada vez mais difícil distribuir os bens de modo eficaz, o que levou algumas viúvas a serem esquecidas na distribuição diária de alimento (At 6.1b). Quando uma viúva passava fome, a comunidade ficou sabendo e tomou providências para que a situação não persistisse. Fica evidente que a preocupação com as viúvas era um tema importante para a época.

Da caixa comum, onde o valor das propriedades dos membros mais ricos era lançado (At 2.45; 4.34, 35), fazia-se a distribuição diária aos necessitados, dentre os quais, naturalmente, sobressaíam as viúvas. O cristianismo primitivo utilizou esse sistema e, um pouco mais tarde, parece haver reconhecido a existência de um grupo separado de mulheres que faziam parte de uma lista de viúvas. Para uma mulher participar dessa lista, tinha de ser julgada digna disso por parte dos oficiais responsáveis pela igreja:

Não seja inscrita senão viúva que conte ao menos sessenta anos de idade, tenha sido esposa de um só marido, seja recomendada pelo testemunho de boas obras, tenha

---

<sup>23</sup> BÍBLIA de Estudo Genebra. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 1998. p. 1280.

criado filhos, exercitado hospitalidade, lavado os pés aos santos, socorrido a atribulados, se viveu na prática zelosa de toda boa obra (1Tm5.9).

As próprias mulheres, pois, não mais podiam esperar receber provisões adequadas com base nos fundos gerais da congregação. Alguma providência especial tinha de ser tomada na comunidade cristã para dar solução a esse grave problema. O tratamento dos pobres e das viúvas era reputado uma grande demonstração de piedade. “A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo” (Tg 1.27). O nosso sacrifício consiste em louvar a Deus com nossas palavras e em nossa vida diária. Envolve, ainda, a prática do bem e da comunhão solidária para com o sofrimento alheio, isto é, quando ajudamos outros em suas necessidades. A adoração a Deus corresponde à paternidade de Deus. Aquele que dela se ocupa deve fazer a obra divina com amor e compaixão, porque o Senhor é pai dos órfãos e juiz (protetor dos direitos) das viúvas (Sl 68.5).

Acima de tudo, o obreiro deve aprender a viver numa dimensão de fé em todos os sentidos da vida, inclusive quanto ao seu sustento. Quero analisar [...] a expressão tão comum “viver pela fé”, que alguns usam para distinguir o obreiro que trabalha sem salário algum, do que é assalariado da igreja, do empregado ou daquele que trabalha por conta própria. Alguns obreiros, por não serem remunerados pela igreja local, dizem: “vivo pela fé”. Mas e os demais? O pastor que é pago pela igreja não vive pela fé? O irmão que trabalha por conta própria na sua barbearia, no salão de beleza, na banca da feira, no escritório, etc., não vive por fé? Todos vivemos pela fé! Tanto o que não tem salário algum, quanto o que é assalariado, vivemos pela fé; o dono da banca precisa vender, do contrário, não come; todos precisamos que tudo vá bem, para podermos ter nosso sustento. O dono da loja precisa vender, para que o funcionário crente receba seu salário.

Mas o obreiro, quer seja assalariado pela igreja, quer viva de prebendas ou de ofertas, deve desenvolver uma forma de vida mais elevada que os demais: deve aprender a depender diretamente do próprio Deus. Aquilo que estabeleci no início, de que Deus chama - Deus paga, deve ser o norte que nos guia, o princípio central de nosso sustento. Jamais esqueça que não fomos contratados por homens, mas por Deus. Os obreiros contratados por homens, [*sic*] submetem-se aos homens, os que foram contratados por Deus, a Deus. E Deus tem critérios totalmente diferentes quanto ao sustento do obreiro. E mais: Deus paga melhor! Às vezes temos apenas o necessário para comer naquele dia, outras vezes abundância, mas nosso Senhor nunca nos deixa passar fome se estivermos em perfeita comunhão com ele. Nas Escrituras temos exemplos de como os servos de Deus eram supridos em suas necessidades das formas mais variadas.

O maná nunca faltou no deserto durante quarenta anos! E na quantidade exata para cada pessoa. Deus fazia a água brotar da rocha. Elias foi sustentado por corvos que lhe traziam carne e pão duas vezes ao dia [1Rs 17.1-7]. Quando o ribeiro secou, ele foi para a casa de uma viúva onde comeu por mais de um ano e meio! Deus é fiel! Havia tantos ricos em Israel, mas Deus cuidou de Elias na casa de uma pobre viúva! Ele, ela e seu filho foram abençoados por Deus [1Rs 17.8-24]! [...]

Deus é fiel! Se você tem certeza de que ele o chamou, pode ter certeza de que ele o sustentará. [...] o texto de Filipenses 4.13: “Tudo posso naquele que me fortalece” [...] se tornou meu estandarte por toda a vida! Vê-se, pelo contexto, que Paulo está falando de todas as situações que enfrentou no ministério, entre elas a do sustento diário, e depois conclui: “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4.19). Este último versículo não pode ser desprezado de seu contexto. Paulo está dizendo que, por haver semeado, por haver ofertado, você será grandemente abençoado. Quando o Senhor Jesus fala do sustento dos pássaros, da vestidura das flores, e condena a ganância dos bens materiais, está abordando um tema que nos interessa a todos.<sup>24</sup>

### 1.3 O sustento de pregadores/as na Reforma Luterana

A Reforma Protestante não somente se preocupou com a dimensão espiritual. Procurou, sim, contemplar todos os aspectos da vida do cristão: espiritual, físico e social. Lutero o demonstra claramente ao pôr em prática os princípios da Reforma.

Disse Carter Lindberg:

A teoria e a prática do sistema de assistência aos pobres e de bem-estar social no início da modernidade, Lutero o fez segundo o ponto de vista de sua teologia. Sua teologia não só minou a idealização medieval da pobreza, mas também forneceu um embasamento teológico para a assistência social que se traduziu em legislação.”<sup>25</sup>

Olhando At 4.32, percebe-se que o bem-estar social já não era problema porque a comunidade “tinha tudo em comum.” Porém, no decorrer dos tempos, o dinheiro tornou-se meio de obtenção da salvação. Isso acontecia através da contribuição material para instituições eclesiásticas. A missa não era comunhão, mas, sim, o lugar onde se multiplicava o dinheiro. Isso mostra que a salvação era o grande negócio da época. Isso não se limitava somente às indulgências, mas se estendia a todos os mecanismos rituais de redenção. Os bispos e teólogos diziam, sem hesitar, que “[...] Deus poderia ter feito todas as pessoas ricas, mas quis que existissem pobres no mundo a fim de que os ricos tivessem uma oportunidade de expiar seus pecados.”<sup>26</sup>

Os escritos de Giordano da Pisa, no século XIV, explicavam, da mesma forma, que a desigualdade social fazia parte da ordem divina: “Deus ordenou que existam ricos e pobres, de sorte que os ricos possam ser servidos pelos pobres e os pobres possam receber os

<sup>24</sup> SOUZA, João A. de. Princípios bíblicos para o sustento do obreiro. *Amofamília*. Disponível em: <[http://amofamilia.com.br/portal/artigos\\_detalle.asp?cod=880&sessao=20#UITGb4u5fIU](http://amofamilia.com.br/portal/artigos_detalle.asp?cod=880&sessao=20#UITGb4u5fIU)>. Acesso em: 24 set. 2013.

<sup>25</sup> LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. Tradução de Luís Henrique Dreher e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 138s.

<sup>26</sup> LINDBERG, 2001, p. 139.

cuidados dos ricos. Para que os ricos possam ganhar a vida eterna através deles.”<sup>27</sup> Uma antiga tradição que dizia que os pobres tinham a missão de interceder junto a Deus era complementada por uma teologia que os apresentava como objeto de boas obras.<sup>28</sup>

Em 1517, Lutero, mediante as 95 teses, atacou o sacramento da penitência, baseando-se na convocação de Jesus em Mc 1.15: “Arrependei-vos e crede no evangelho.” A penitência não deveria ser um ato isolado, mas envolver toda a vida do cristão.<sup>29</sup>

Isto atingia de forma direta o âmago do poder da Igreja da época, pois, de acordo com a doutrina da Igreja, o sacerdote determinava os passos e as condições de penitência necessários para que o pecador ou a pecadora obtivessem a graça de Deus. A ansiedade diante da morte e do juízo de Deus era atacada com a necessidade de boas obras. Deste modo, é possível sustentar que as esmolas para os aleijados, crianças famintas e pessoas pobres, assim como para os monges mendicantes, surgiram como uma ajuda bem-vinda para a busca da salvação eterna, mas que elas pouco fizeram no sentido de libertar a consciência de quem dava esmolas ou de aliviar as condições de pobreza.”<sup>30</sup>

Ao relacionar a teologia, o culto e a ética social em suas prédicas, o Reformador de Wittenberg enfatizou a importância da cidadania. As pessoas com necessidades deveriam ser amparadas por toda a comunidade cristã, do mesmo modo que o cidadão recorreria ao auxílio das autoridades e dos concidadãos.<sup>31</sup> “Lutero sustentava, em suma, que esse é um sacramento do amor que compartilha ‘as adversidades da comunhão’. ‘Assim como tu recebes amor e assistência, debes, por tua vez, demonstrar amor e assistência a Cristo na pessoa de seus necessitados.’”<sup>32</sup>

Houve uma preocupação tanto pelos/as pregadores/as quanto pelos pobres e as viúvas. Um exemplo é o da paróquia de Leisnig. Lutero auxiliou o Conselho da cidade a elaborar uma constituição eclesial evangélica, a qual criava, inclusive, uma caixa comum de assistência social.

A paróquia de Leisnig procedeu a uma reforma de sua ordem de culto e ao estabelecimento de sua caixa comum de assistência social com base nos conselhos de Lutero, bem como em sua legitimação teológica das preocupações dos representantes de Leisnig, implementada através da doutrina do sacerdócio universal de todos os batizados. A organização e os princípios da caixa comum incluíam a eleição, por parte da comunidade, de dez provedores ou administradores a cada ano, no primeiro domingo após o dia 13 de janeiro: “dois membros da nobreza, dois do conselho em exercício, três dentre os cidadãos comuns da cidade e três camponeses da zona rural”. Os três livros de registro, tão importantes quanto detalhados, deviam ser mantidos na caixa-cofre, que ficava trancada com quatro cadeados diferentes e era mantida num lugar seguro dentro da igreja. Os vários cadeados tinham chaves diferentes, destinadas aos representantes dos diversos grupos envolvidos com a

<sup>27</sup> LINDBERG, 2001, p. 140.

<sup>28</sup> LINDBERG, 2001, p. 140.

<sup>29</sup> LINDBERG, 2001, p. 141.

<sup>30</sup> LINDBERG, 2001, p. 141.

<sup>31</sup> LINDBERG, 2001, p. 142.

<sup>32</sup> LINDBERG, 2001, p. 142s.

caixa comum. Os diretores deviam fazer relatórios trienais para a comunidade toda. Os fundos da caixa comum também deviam ser utilizados para a conservação de prédios, para os salários dos pastores e para as escolas – inclusive uma escola especial para meninas.<sup>33</sup>

Essa caixa comum fora reservada para evitar a continuidade da mendicância, prática comum durante a Idade Média. Por outro lado, constituía-se também num incentivo para todos os trabalhadores. A caixa só poderia apoiar os que, de fato, eram necessitados. Por essa razão, os demais eram postos diante desta escolha: ou abandonavam a cidade ou punham-se a trabalhar.<sup>34</sup>

Lutero aconselhou que se colocassem todos os bens eclesiásticos na caixa comum depois de feitas as provisões para aqueles que quisessem permanecer nos mosteiros, depois de se proporcionar o devido apoio na transição daqueles que desejassem abandonar a vida monástica e depois de se devolver parte dos fundos às famílias necessitadas dos antigos doadores.<sup>35</sup>

Esse princípio, na época, alastrou-se por todas as paróquias luteranas. A contribuição era feita uma vez por ano e não estava condicionada a nenhum valor estipulado por decreto. Cada membro da comunidade deveria contribuir voluntariamente.

Havia também uma preocupação com a formação das pessoas. Lutero criticava os governantes com estas palavras:

Anualmente é preciso levantar grandes somas para armas, estradas, pontes, diques e inúmeras outras obras semelhantes, para que uma cidade possa viver em paz e segurança. Por que não levantar igual soma para a pobre juventude necessitada, sustentando um ou dois homens competentes como professores?<sup>36</sup>

O governo e a sociedade não podiam continuar mantendo os cidadãos privados de educação. Esse apelo do reformador foi acatado pelas igrejas locais e cada paróquia construiu a sua escola para a formação dos cidadãos. Contudo, em alguns contextos, as ideias de Lutero não foram postas em prática. Isso trazia riscos à propagação do Evangelho, visto que pregadores ficavam sem seu sustento e faltava dinheiro para a manutenção das escolas. Lutero chegara a falar que não queria mais ser líder de animais, que deixaria de pregar o Evangelho para animais!<sup>37</sup>

A preocupação de Lutero, em vista de sua compreensão do evangelho de Jesus Cristo, consistia em assistir a pessoa no seu todo. Os continuadores da Reforma levaram

---

<sup>33</sup> LINDBERG, 2001, p. 146.

<sup>34</sup> LINDBERG, 2001, p. 147.

<sup>35</sup> LINDBERG, 2001, p. 147.

<sup>36</sup> LINDBERG, 2001, p. 155.

<sup>37</sup> LINDBERG, 2001, p. 160.

adiante o projeto dele e provocaram grandes mudanças teológicas e sociais, cujos efeitos podem ser sentidos ainda hoje.

## 2 O SUSTENTO DE PREGADORES/AS NAS IGREJAS EM ANGOLA

A Igreja Evangélica Luterana em Angola (IELA), para se tornar uma instituição, teve que passar por certas circunstâncias e aflições, porém, sempre olhando as instruções do Mestre: “Estas cousas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33).

Mário Passala Velho expõe da seguinte maneira a entrada do trabalho missionário luterano em Angola:

[...] os missionários estrangeiros luteranos chegando em [*sic*] Angola preocuparam-se, em primeiro lugar, em contactar o rei conforme fizeram os missionários da B.M.Society, Grenfell e Comber em janeiro de 1878. Estes [*sic*] antes de chegarem ao Congo [*sic*] enviaram uma carta ao rei Dom Pedro Ntotela. Quando eram aceites, recebiam um terreno. Assim aconteceu na tribo dos Kwanhamas com o rei Mweshipandeca e o rei Ueyulo. Aí construíram um centro que servia de base para alcançar as aldeias da região. [...] os missionários luteranos [*sic*] pela graça de Deus [*sic*] conseguiram alcançar os seus objectivos que são os de implantar igrejas em Angola.<sup>38</sup>

A fim de proporcionar uma boa compreensão, apresentaremos uma breve história das entradas de dois grupos missionários no país, seus modos de sustento e as implicações disso para o ensino sobre o sustento de pregadores/as. Trata-se dos missionários metodistas e da Junta Americana de Comissários para as Missões Estrangeiras. Esta última, fundada em 1810, foi a primeira sociedade de missões no estrangeiro da América do Norte.

### 2.1 Breve história da Igreja Metodista no Norte de Angola

A Igreja Metodista em Angola começou com um ministro americano muito vivo e cheio de ideias novas. Ele trabalhara como missionário em seu próprio país, mais precisamente na Califórnia (1848-1856). William Taylor fundara igrejas na Índia, na Costa Rica, no Peru, no Brasil e no Chile. Além de seu compromisso com a santidade, destacava-se pelo zelo na divulgação de que os missionários tinham de ser autossuficientes.

Em sua iniciativa, o Bispo Taylor resolveu recrutar pessoas que podiam sustentar a si próprias: homens de negócios, médicos, professores, mecânicos, artesãos, lavradores,

---

<sup>38</sup> VELHO, 2012, f. 33.

evangelistas e pastores. A Igreja Episcopal Metodista nos Estados Unidos, diante da condição de ser ele a escolher o seu próprio pessoal e de não ficar sujeito ao controle da direção, simplesmente limitou o auxílio financeiro ao seguinte: apenas os pagamentos das passagens dos missionários para os países aonde iriam desenvolver o seu trabalho e uma importância inicial para sustentar o missionário e sua família durante um curto espaço de tempo.

Em janeiro de 1885, embarcaram, em Nova Iorque, 45 americanos, 29 adultos e 16 crianças. A 20 de março de 1885, chegaram e foram muito bem recebidos pelo Governador Geral da província de Angola. Dois meses após a chegada do grupo, Taylor enviou alguns homens a descobrirem locais que se adequassem à instalação das novas estações missionárias. Na área do Dondo, província do Cuanza-Norte atual, fundou-se uma oficina e uma tipografia para o sustento do grupo. Numa segunda etapa, a quase 80 quilômetros do Dondo, abriu-se uma área de missão, uma fábrica de curtumes e uma casa comercial para sustento dos missionários. O diretor da missão cultivou uma parcela de terra com uma charrua e duas juntas de bois. Na missão, abriu-se também uma escola de ensino primário para as crianças da região. As mensalidades eram pagas com o milho que levavam. Em Pungo Andongo, região onde estão localizadas famosas formações geológicas conhecidas como Pedras Negras, os missionários abriram uma escola industrial, a fim de angariar sua subsistência.<sup>39</sup>

Conduzidos pela liderança dinâmica de Taylor, os missionários atingiram Malanje, tendo percorrido cerca de 60 quilômetros. Ali, a 14 de setembro de 1885, foi formalmente fundada a Igreja Metodista Episcopal, também ela sem a presença de membros angolanos. O Rev. Levin Johnson tornou-se o seu pastor.

Os primeiros convertidos ao Evangelho, em 1885, foram Bernardo Manuel Agostinho e sua esposa, Luzia Bernardo, de Malanje. Serrador de profissão, Bernardo Manuel começou a dar aulas perto de Malanje após sua conversão. Em 1895, o casal foi escolhido para ir trabalhar num projeto no circuito de Malanje. Quatro anos depois, em Pungo Andongo, dedicaram-se ao ensino da Bíblia e do catecismo. Quando outro bispo, por sua vez, quis mostrar-lhe o erro em que incorria por conta da venda de escravos, o Senhor Bernardo não concordou. Como resultado do conflito, deixou a Igreja Metodista e continuou a praticar o comércio de escravos.<sup>40</sup>

O Bispo Taylor, num período de seis meses, constituiu cinco estações missionárias em Angola. Levantam-se certas dúvidas sobre como ele poderia tê-lo feito. Uma das questões

---

<sup>39</sup> HENDERSON, Lawrence W. *A Igreja em Angola: um rio com várias correntes*. Tradução de Margarida Martiniano Palma. Lisboa: Editorial Além-Mar, 1990. p. 63.

<sup>40</sup> HENDERSON, 1990, p. 62



tem a ver com o idioma. Todavia, um dos homens que faziam parte do grupo de missionários pioneiros do Bispo Taylor era o brilhante linguista suíço Heli Chatelain.<sup>41</sup>

O método da autossuficiência foi considerado um autêntico fracasso pela maioria dos observadores e por muitos daqueles que o puseram em prática. Embora Taylor fosse ardoroso defensor da estratégia, haja vista as oportunidades econômicas obtidas em Angola, não faltou quem qualificasse tudo aquilo como uma aventura sem juízo. Se bem que conseguissem algum dinheiro, havia poucas conversões, uma vez que os esforços dos missionários eram quase inteiramente empregados nas fábricas de madeira e nas fazendas. Um filho do Bispo Taylor, vindo com o primeiro grupo missionário, logo desistiu e deixou Angola.<sup>42</sup>

Em 1896, após o Bispo William Taylor se aposentar, Joseph Crane Hartzell foi eleito seu sucessor no dia 25 de maio. As missões independentes estabelecidas pelo Bispo Taylor passaram às mãos da Sociedade Missionária da Igreja Metodista Episcopal. O dia 29 de Abril de 1911 marcou o recebimento dos primeiros obreiros da Igreja Metodista de Angola na Conferência Missionária da África Central Ocidental. Foram eles: Mateus Pereira Inglês, João Garcia Fernandes e João Leão Weba. Tinham-se passado 26 anos desde a implantação do Metodismo em Angola.

Em 1934, pela primeira vez, os leigos eram admitidos em uma sessão conferencial: estavam presentes 34 delegados. Nessa mesma altura, as igrejas locais passaram a custear os fundos para as conferências. Havia começado o autossustento no Metodismo angolano. Mesmo assim, não se registrava quase nada porque a liderança estava completamente nas mãos de missionários estrangeiros. Não é possível se aprofundar muito no tocante a um programa de sustento próprio dos/as pregadores/as tomando por base o que acontecia em Angola no tempo daqueles missionários, pois tal modelo era paternalista.

A partir do dia 21 de outubro de 1972, com a consagração do Bispo Emílio de Carvalho, a Igreja voltou-se para a reorganização e elaboração dos projetos de sustentabilidade da Instituição e seus/suas pregadores/as. “O Bispo Emílio de Carvalho encontrou uma Igreja vazia, morta em várias vertentes, sobretudo financeira. Nunca existiu tabela salarial devidamente coordenada.”<sup>43</sup>

O problema financeiro só podia ser solucionado se os crentes, sobretudo os pastores, considerassem a Igreja como sinal da presença do próprio Senhor com eles e, desse modo, continuassem a obra que o levou a baixar do céu à terra. O próprio Jesus disse: “Quem vos der

---

<sup>41</sup> HENDERSON, 1990, p. 63.

<sup>42</sup> HENDERSON, 1990, p. 63.

<sup>43</sup> CARVALHO, Emílio J. M. *A caminhada histórica na liderança do Episcopado Metodista Angolano – 1972-2000*. Luanda: Igreja Metodista Unida em Angola, 2001. p. 73.

ouvidos ouve-me a mim; e quem vos rejeitar a mim me rejeita; quem, porém, me rejeitar rejeita aquele que me enviou” (Lucas 10.16). Foi um incentivo para que conseguissem pagar certas dívidas encontradas e apresentassem alguns projetos na Conferência da Igreja.<sup>44</sup>

As dificuldades persistem porque o pagamento é feito pelas igrejas locais aos/às pregadores/as, porém algumas delas não conseguem pagar. Em situação mais grave, as igrejas nas áreas rurais vivem com rendimentos miseráveis por conservarem até então uma agricultura de subsistência. Isso cria um empecilho ao pagamento dos/as pregadores/as.

## 2.2 Breve história da Igreja Congregacional no Planalto Central de Angola

No ano de 1806, certos estudantes do Williams College, no Estado norte-americano de Massachusetts, que se reuniam regularmente para orar, ficaram convencidos de que Deus os convocara para a pregação do evangelho em todo o mundo. Graças a sua influência, em 1810, as igrejas congregacionais de Massachusetts e de Connecticut formaram a Junta Americana de Comissários para as Missões Estrangeiras (*American Board of Commissioners for Foreign Missions – ABCFM*). Essa foi a primeira sociedade dedicada às missões no estrangeiro surgida na América do Norte.<sup>45</sup>

A Junta resolveu, então, instituir um fundo especial destinado a uma missão na África Central antes que se pudesse dar início ao trabalho missionário em Angola. Era preciso angariar mais dinheiro e tomar uma decisão definitiva quanto ao local da África Central onde seria realizada a missão.

Foram recebidos alguns donativos da parte de pessoas amigas. À época, os Estados Unidos atravessavam um período de recessão, de modo que o dinheiro em circulação era, na realidade, pouco. Entretanto, Robert Arthington, um empresário da cidade de Leeds, na Inglaterra, ofereceu à ABCFM 1000 libras. Por fim, a questão financeira foi solucionada quando a Junta obteve, da parte de Asa Otis, de New London, Connecticut, uma herança calculada em um milhão de dólares.<sup>46</sup>

Henderson esclarece o que esteve envolvido na escolha do local para iniciar a missão:

---

<sup>44</sup> CARVALHO, 2001, p. 74.

<sup>45</sup> HENDERSON, 1990, p. 65.

<sup>46</sup> HENDERSON, 1990, p. 65.

A Junta encarregou o seu secretário, Dr. John O. Means, de apresentar um relatório onde expusesse a sua avaliação sobre oito hipotéticos campos, na África Central. Neste relatório, o Dr. Means recomendou um outro campo, em vez do que havia sido sugerido pelo major Malan, que aconselhara a penetração pela África Oriental. Para a escolha da “região do Bié e do Cuanza”, o Dr. Means apresentou as seguintes razões: 1 — *Esta região não foi ainda aberta ao comércio. Quando o Evangelho se segue ao comércio, vai ter de enfrentar dois inimigos: não só os demónios do paganismo, já de si bastante maus, como ainda, o que é pior, os demónios de uma civilização corrupta e sem princípios.* 2 — *Esta área, de onde saíram muitos escravos, tem um significado muito especial para os cristãos americanos, porque nós apoiámos a escravatura.* 3 — *É muito fácil chegar-se ao Cuanza e ao Bié. A sua configuração e a estabilidade do povo e o seu relacionamento com as outras tribos do interior tornam este campo particularmente atraente e convidativo.*<sup>47</sup>

Em 1880, um barco real partiu de Lisboa levando os três primeiros missionários. No dia 13 de novembro, depois de viajarem 39 dias, chegaram a Benguela, o porto de entrada no Bié. Um dos três, Samuel Taylor Miller, foi o primeiro missionário negro em Angola. Seus pais haviam sido escravos. Tão logo obtiveram a liberdade, ele ingressou na escola, completando seus estudos no Instituto de Hampton.

Uma distância de 480 quilômetros separava Benguela e o Bié, tornando a viagem longuíssima e sobremodo estafante. O Rev. William W. Bagster, um dos missionários, ia montado sobre um boi, enquanto os demais, carregados em tipoias, se bem que fossem a pé a maior parte do tempo. A porção mais significativa da bagagem foi transportada por sessenta homens, sendo que cada um carregara aproximadamente trinta quilos. A caravana perfizera um total de 95 pessoas.

Aproximadamente a 144 quilômetros a oeste do Bié, localizava-se um dos reinos umbundu, Bailundo, aonde os missionários chegaram após vinte dias. Foram recebidos com bastante cordialidade por Ekwikwi II, o rei do Bailundo. Miller deu início à construção de uma escola na localidade e conseguiu reunir alguns alunos. Um dos missionários, William Henry Sanders, dedicou-se a estudar a língua nativa com o objetivo de fazer sua transposição para a forma escrita, algo, sem dúvida, fundamental para a evangelização e a implantação de uma igreja entre os umbundus.<sup>48</sup>

Por causa de seu conhecimento do idioma umbundu, foi Sanders quem explicou ao rei Ekwikwi II as pretensões dos missionários: estavam ali para levar os umbundus ao conhecimento de Deus. Enquanto expunha provas da existência de Deus e apresentava os Dez Mandamentos, o missionário foi interrompido por Ekwikwi II, o qual lhe disse que os nativos já dispunham de tal saber a respeito de *Suku*, o Deus Criador, de maneira que os visitantes poderiam ir embora. Desse momento em diante, os missionários perceberam que lhes

<sup>47</sup> ABCFM, 1878 apud HENDERSON, 1990, p. 66.

<sup>48</sup> HENDERSON, 1990, p. 67.

competia contar aos umbundus a história de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Era maio de 1887 quando catorze convertidos foram batizados em nome do Deus Triúno e professaram publicamente a fé cristã, comprometendo-se com o amor e a devoção mútuos. Anteriormente, em 1884, a ABCFM já obtivera êxito na abertura de uma missão em Camundongo, no Bié, sendo que fora esse o primeiro objetivo da organização ao enviar os missionários para Angola em 1880.<sup>49</sup>

A princípio, à medida que cada Igreja ia sendo formada, eram os missionários da ABCFM que admitiam os novos membros, mas, pouco tempo depois, eram os próprios membros que examinavam os candidatos ao batismo [*sic*] e decidiam quem podia ser recebido ou não.

Uma outra prática comum, que mostrava que a Igreja pertencia ao povo, ou pelo menos lhe estava confiada, era a auto-suficiência [*sic*]. O relatório geral da Missão Evangélica do Bailundo, para o ano que findou em 1890, fazia a seguinte observação:

“Durante os seus três anos de existência, a Igreja do Bailundo não recebeu sequer um tostão do dinheiro da missão, e de fora apenas recebeu um sino que lhe foi oferecido e ainda um serviço de comunhão... Foram enviados os donativos que anualmente são enviados de uma forma regular, e que se destinam ao trabalho no estrangeiro. Estes donativos ascenderam este ano a 160 angolares.”

Passados três anos, a Igreja Evangélica em S. Salvador, que também era auto-suficiente [*sic*], decidiu enviar uma oferta especial para o trabalho missionário na China.<sup>50</sup>

Os mapas abaixo mostram, respectivamente, as divisões etnolinguística<sup>51</sup> e administrativa<sup>52</sup> do território de Angola.

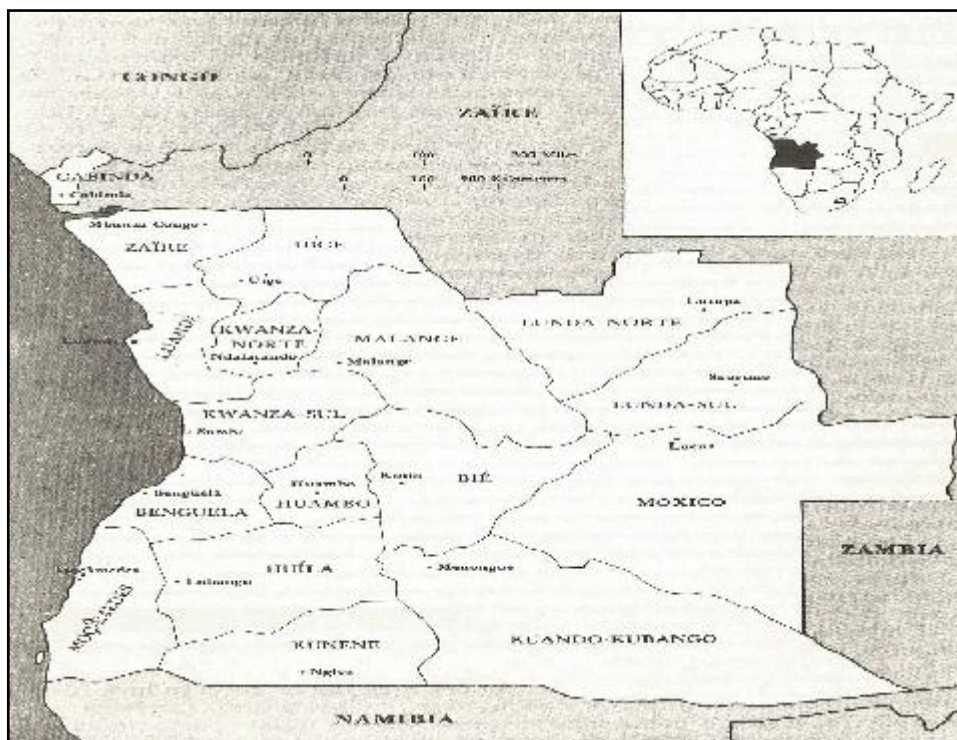


<sup>49</sup> HENDERSON, 1990, p. 69.

<sup>50</sup> HENDERSON, 1990, p. 73. 160 angolares equivalem atualmente a 1,64 USD (*United States dollar*, “dólar estadunidense”).

<sup>51</sup> HENDERSON, 1990, p. 20.

<sup>52</sup> HENDERSON, 1990, p. 17.



A Igreja de São Salvador, entre o povo kikongo, deu o passo seguinte para a sua expansão em 1892. Decidiu enviar um jovem convertido chamado Nlekai para ir fixar residência em Mawunze. Nlekai deveria manter-se fiel aos seguintes princípios: 1) Ser um pregador sustentado unicamente pela Igreja; 2) Sob nenhuma hipótese, dedicar-se a qualquer atividade comercial, mas empregar completamente seu tempo em ensinar na escola e pregar no distrito; 3) Ter o salário fixado, por mês, à razão de oito “espingardas” (o meio de troca usado então), quantia considerada suficiente caso viesse a casar-se; 4) Ter direito a um mês de férias por ano, podendo fruí-las quando melhor lhe conviesse.<sup>53</sup>

A prática dos missionários da *Baptist Missionary Society* (BMS – Sociedade Missionária Batista), por sua vez, envolvia o uso de recursos internos. Todavia, quando as igrejas começavam a crescer em número, isso exigia que adotassem estratégias de obtenção de recursos próprios para sustentar os/as pregadores/as.

Na região central de Angola, o professor e o evangelista não eram sustentados exclusivamente pela Igreja, mas enviados a uma aldeia onde as pessoas concordavam em arranjar-lhes um pedaço de terra. Dava-se-lhes um dia ou dois por semana para trabalharem em sua lavra. O líder de uma igreja em ambiente rural, quer fosse chamado catequista, quer evangelista, quer diácono, tinha de sustentar-se e à sua família através da agricultura e dos donativos que as pessoas ofereciam para ajudá-lo em seus rendimentos.

<sup>53</sup> HENDERSON, 1990, p. 93.

A guerra que assolava Angola alterou tudo. Houve uma enorme migração de pessoas da zona rural para as cidades, de maneira que os/as pregadores/as vêm pagando por alguns erros cometidos por nossos missionários no princípio. Uma vez que os/as pregadores/as tinham que se ocupar da lavoura de seu pedaço de terra e esperar auxílio que acontecia uma vez ao ano, o envolvimento com a expansão do evangelho ficava prejudicado.

Essas breves histórias mostram que o ensino acerca do sustento de pregadores/as nem sempre foi adequado em Angola. As igrejas tiveram e têm grandes dificuldades no tocante a sua autossuficiência. A Igreja Evangélica Luterana não foge à regra.

### **2.3 Etapas de implementação da IELA**

Passaremos agora a considerar a presença do Luteranismo em Angola, começando com a chegada dos missionários alemães ao Cunene, uma das províncias, depois observando o trabalho dos missionários angolanos e, finalmente, abordando a influência dos missionários finlandeses. A província de Cabinda, ao norte do país, testemunhou a unificação de duas Igrejas.

#### **2.3.1 No Cunene**

No tocante às igrejas protestantes, Henderson, grande historiador que trabalhou muito tempo em Angola, simplesmente afirma que, em 1917, houve um abandono das missões luteranas estabelecidas na fronteira sul do país, as quais foram ocupadas pela Igreja Católica, uma vez que Portugal saíra vencedor do conflito com a Alemanha.<sup>54</sup>

Em 1878, a BMS, representada pelos missionários ingleses George Grenfell e Thomas Comber, chegou a São Salvador, região do Congo, no norte de Angola. Todavia, algum tempo antes, em 1866, no Cunene, ao sul de Angola, começou o trabalho missionário luterano através de Carl Hugo Hahn. Ao passar pelas terras dos Kwanhamas, Hahn encontrou-se com o rei Mweshipandeka, que achou importante ter um missionário ali. Hahn prometeu

---

<sup>54</sup> HENDERSON, 1990 apud VELHO, 2012, f. 34.

mandar colaboradores para atendê-los, pois ele estava ligado a outro campo missionário. Tendo regressado à Namíbia, escreveu para a *Suomen Lähetysseura* (Missão Evangélica Luterana Finlandesa – MELF), informando a respeito da nova área descoberta em Angola. Perguntou, então, se havia interesse na evangelização daquela região. Em resposta à indagação do missionário alemão, em 1871, Karl Leonhard Tolonen e Alexander Malmström foram enviados pela MELF a Mweshipandeka. O rei, no entanto, permaneceu irredutível quanto à decisão de que o ensino e os benefícios trazidos pelos missionários finlandeses deveriam ser oferecidos somente a ele. Esse impasse fez com que Tolonen e Malmström se retirassem do país.<sup>55</sup>

Em 1891, August Wulfhorst e Friedrich Meisenholl, missionários alemães, foram enviados à região pela *Rheinische Missionsgesellschaft* (Sociedade Missionária da Renânia). Ueyulu, rei dos Kwanhamas naquela ocasião, foi-lhes bastante receptivo, de modo que, em 10 anos, fundaram estações missionárias em Omupanda, Ondjiva, Namakunde e Omatemba. Como resultado de seu trabalho, 12 angolanos foram batizados e 20, confirmados. Mais tarde, com a vinda de outros representantes da *Rheinische Missionsgesellschaft* – Wilhelm Ickler, Hermann Tönjes e Heinrich Welsch –, o trabalho missionário alemão cresceu.<sup>56</sup>

Durante a Primeira Guerra Mundial, pelo fato de Portugal ter saído vitorioso do conflito com a Alemanha, deu-se a expulsão dos missionários luteranos de Angola em 1917. A Igreja Católica, por conseguinte, apropriou-se das missões luteranas. Não obstante, a semente do evangelho fora lançada e muitos angolanos refugiados na Namíbia regressaram ao país, onde deram prosseguimento à pregação cristã. Houve casos de perseguição e tortura, por exemplo, o de Filipus Kamati, morto no dia 17 de julho de 1933, em Ondjiva, por testemunhar acerca do evangelho de Cristo.<sup>57</sup>

O primeiro pastor luterano nativo, Simson Ndatipo, foi consagrado em 1954. Ele estudara com os missionários americanos no Bunjei entre 1949 e 1951. Na ocasião em que assumiu o pastorado, foi realizada uma festa no Centro Evangélico de Oshitota. A partir daquela data, a comunidade religiosa passou a ser denominada “Igreja Evangélica do Baixo Cunene”, uma vez que, até então, fora implantada apenas na região sul do Cunene. Com isso, os destinos da Igreja cristã em Angola estavam sendo entregues nas mãos de uma liderança

---

<sup>55</sup> VELHO, 2012, f. 34.

<sup>56</sup> VELHO, 2012, f. 34.

<sup>57</sup> VELHO, 2012, f. 35.

autóctone. Em 7 de abril de 1960, depois de vários anos de trabalho eclesiástico, o governador José Maria Pereira lavrou um documento que permitia a pregação do evangelho no Cunene.<sup>58</sup>

Em 1962, Noé Ndeutapo tornou-se pastor, instalando-se em Shangalala, no Cunene. Por essa razão, decidiu-se alterar o nome da Igreja. De “Igreja Evangélica do Baixo Cunene” passou a “Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola” (IELSA), visto que esta nomenclatura estava mais de acordo com a dimensão daquela comunidade cristã, a qual já cobria o sul, o centro e o norte da província, abarcando a tribo dos Kwanhamas e dos Ombadjas.<sup>59</sup>

Em áreas diferentes, Simson Ndatipo e Noé Ndeutapo lideravam a Igreja, enfrentando, além de dificuldades financeiras, materiais e humanas, a perseguição das autoridades coloniais representadas pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE). De qualquer modo, o sustento deles provinha da Igreja-mãe da Namíbia. Entretanto, a IELSA precisou recorrer ao auxílio humano e financeiro da MELF, a qual, no mesmo ano, providenciou-lhe dois pastores, dois professores para o Instituto Bíblico, três enfermeiras e uma professora. A MELF encarregou-se ainda do sustento dos/as pregadores/as da IELSA.<sup>60</sup>

A guerra no Cunene, em 1975, impossibilitou que os missionários continuassem com suas atividades no país. Dessa maneira, os angolanos assumiram a direção do trabalho da Igreja.<sup>61</sup>

### ***2.3.2 O trabalho realizado pelos missionários alemães***

O mérito da descoberta protestante dessa região do território angolano, a qual se achava pronta para receber o evangelho, deve ser atribuído aos missionários alemães e à sua ampla visão. Além da Namíbia, havia outras terras que poderiam ser alcançadas em Angola. Propuseram-se, portanto, a explorar o sul do país. No entanto, quando perceberam que seu compromisso com a Namíbia não lhes permitiria permanecer em solo angolano, tal qual a recomendação de Jesus em Mt 9.38, “rogaram ao Senhor da seara que enviasse trabalhadores”. Desse modo, vieram, em primeiro lugar, os missionários finlandeses Karl

---

<sup>58</sup> VELHO, 2012, f. 35.

<sup>59</sup> VELHO, 2012, f. 35s.

<sup>60</sup> VELHO, 2012, f. 36.

<sup>61</sup> VELHO, 2012, f. 36.



Leonhard Tolonen e Alexander Malmström; em seguida, os missionários alemães Wilhelm Ickler, Hermann Tönjes e Heinrich Welsch.<sup>62</sup>

Iniciada em 1914, a tomada portuguesa do sul de Angola foi concluída em 1916, anos depois de as fronteiras terem sido demarcadas na Conferência de Berlim, convocada pela França e pela Alemanha entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885. No mesmo ano em que foi morto Mandume, rei dos Kwanhamas, 1917, houve a expulsão dos missionários luteranos de Angola pelos portugueses. A memória deles é mantida viva até hoje pelos cristãos luteranos do país.<sup>63</sup>

### ***2.3.3 O trabalho realizado pelos missionários angolanos***

Sobre a continuidade do trabalho luterano em Angola após a partida dos missionários germânicos, Velho comenta:

Os missionários angolanos são os que asseguraram e deram sequência ao trabalho missionário em várias etapas [*sic*] a saber: 1ª Etapa – Em 1917, após a expulsão dos missionários alemães; 2ª Etapa – A partir de 1975, após a fuga dos missionários finlandeses devido à guerra. À medida em que [*sic*] o tempo passava, o número de obreiros nacionais crescia, dentre eles destacam-se os seguintes: Sansão Ndatipo, Noé Ndeutapo, Martin Ndjebela, Filipus Kanguma, Nilo Shatipamba. Este crescimento ajudou muito para cobrir os missionários estrangeiros que tinham que abandonar o país. Os missionários nacionais assumiram o trabalho, embora muitos deles não tinham [*sic*] nenhuma formação, muito menos salário. Quando os nacionais assumiram o papel de evangelistas, a receptividade de [*sic*] evangelho era diferente. Os povos viam o evangelho como pertença deles e não como algo importado.<sup>64</sup>

O trabalho missionário prosseguiu corajosamente pelas mãos dos cristãos nativos, visto que se realizou sob várias pressões, entre outras, a perseguição empreendida pela Polícia Internacional de Defesa do Estado e a guerra. Em 1991, a Igreja Evangélica Luterana de Angola foi declarada autônoma. O Reverendo Noé Ndeutapo tornou-se seu primeiro presidente. Conforme o tempo passa, a IELA vem estabelecendo contato com povos aos quais o evangelho ainda não foi anunciado.<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> VELHO, 2012, f. 36s.

<sup>63</sup> VELHO, 2012, f. 37.

<sup>64</sup> VELHO, 2012, f. 37.

<sup>65</sup> VELHO, 2012, f. 37.

Todavia, conforme já referimos, a autonomia foi recebida sem que a questão do sustento da Igreja tivesse sido tratada com profundidade. Inclusive, os/as pregadores/as não obtinham uma formação suficiente.

#### ***2.3.4 O trabalho realizado pelos missionários finlandeses***

De acordo com o exposto anteriormente, os primeiros missionários finlandeses vindos ao território angolano foram Karl Leonhard Tolonen e Alexander Malmström. Concretizavam a resposta dada pela MELF, em 1871, ao apelo do missionário alemão Carl Hugo Hahn. Tolonen e Malmström depararam-se com várias dificuldades, entre as quais a relação com Mweshipandeka, rei dos Kwanhamas.<sup>66</sup>

Mais tarde, a IELA tornou-se uma denominação cristã nacional, dirigida por autóctones capazes de formalizar acordos de cooperação missionária com organizações estrangeiras. Apesar de a intransigência de Mweshipandeka ter provocado a partida dos missionários finlandeses – ele queria restringir o alcance da evangelização apenas a si –, um pedido feito em 1973 pela direção da Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola proporcionou à MELF a oportunidade de enviar mais obreiros. Alguns destes, por ocasião da guerra civil que teve início em 1975, regressaram à Finlândia. Houve aqueles que voltaram a Angola, por exemplo, o casal Erkki e Kaisa Halme. Após as tensões no país terem amainado, vieram Erkki Lehtonen e Maija Liisa, Kirsti Usva, Anni Vaisala, Ritva Marttala e Anja Anttonen. Ao longo do tempo, as relações de cooperação foram sendo consolidadas. Hoje a MELF conta com quatro missionárias em Angola atuando em diversas áreas, além de um secretário que intermedeia a ligação entre a IELA e a MELF.<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> VELHO, 2012, f. 38.

<sup>67</sup> VELHO, 2012, f. 38.

### 2.3.5 A atividade missionária luterana em Cabinda

Uma comunidade cristã muito forte desde o início, a Igreja Luterana de Cabinda teve origem na República Democrática do Congo, na fronteira leste de Cabinda.<sup>68</sup>

Em 28 de outubro de 1974, na iminência de o país tornar-se independente, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA) e a Frente para a Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC) tiveram seus primeiros confrontos. À procura de tranquilidade, milhares de angolanos emigraram para a República Democrática do Congo, ex-Zaire. Ali, em 11 de novembro de 1975, nasceu o filho de um casal que viera entre os imigrantes, o Sr. Paulo António Sambo e sua esposa, a Sr.<sup>a</sup> Joana Lando Sambo, ao mesmo tempo que o Dr. António Agostinho Neto proclamava a Independência de Angola. Para tristeza de seus pais, o menino, que recebera o nome de António Mambuco Sambo, caiu doente no mesmo ano.<sup>69</sup>

Paulo António e Joana foram a muitos hospitais, buscaram a magia de curandeiros e quimbandeiros, todavia o estado de saúde do menino agravou-se ainda mais. Um parente, o Sr. Manuel Makuika, fez um convite ao casal para que visitasse a Igreja Evangélica Luterana do Zaire. Em sua aflição, acompanharam Manuel àquela congregação, onde António Mambuco recebeu uma oração com imposição de mãos, um trabalho bastante habitual da comunidade. Pouco tempo depois, o menino se recuperou da enfermidade. Reconhecendo nisso um milagre de Deus, Paulo António e Joana Lando receberam a Jesus Cristo como Senhor e Salvador, tornando-se membros assíduos daquela comunidade cristã luterana.<sup>70</sup>

O casal regressou a Cabinda em 1976, porém temendo pela vida, visto que cabindenses refugiados no Zaire eram submetidos a um interrogatório sob suspeita de associação com a FLEC. Algum tempo depois, em 28 de outubro de 1979, Paulo António, acompanhado de sua esposa e outras pessoas – Tomé Dende, Maria Issungo e quatro crianças que também haviam retornado –, deu início a um trabalho cristão luterano na povoação do Yabi, cerca de 18 quilômetros ao sul da cidade de Cabinda. Com base no louvor a Deus e na prática da imposição de mãos, o ministério começou a crescer.<sup>71</sup>

O governo da comunidade era laico e os cultos, celebrados no quintal. A partir de 1980, as reuniões tiveram que ser realizadas dentro de casa porque a comunidade não

---

<sup>68</sup> VELHO, 2012, f. 38.

<sup>69</sup> VELHO, 2012, f. 38s.

<sup>70</sup> VELHO, 2012, f. 39.

<sup>71</sup> VELHO, 2012, f. 39.

dispunha de um documento que autorizasse o ofício ministerial luterano em Cabinda, embora o trabalho de evangelização já tivesse atingido os municípios de Bucu Zau e Mama Dibundo (Luanda). A congregação luterana se desenvolveu, atribuindo-se o nome de “Comunidade Evangélica Luterana em Angola”. O trabalho que começara numa aldeia de Cabinda chegou à capital da província, avançou para o interior e, posteriormente, alcançou Luanda, a capital do país.<sup>72</sup>

## **2.4 Oficialização da Igreja Evangélica Luterana de Angola**

Com o decorrer do tempo, aumentava a pressão do governo sobre a Comunidade Evangélica Luterana em Angola, uma vez que permanecia carente de legalização. Por conta disso, em 1984, uma delegação formada por Paulo António, Ngoma Ngulo e João Ferreira dirigiu-se a Luanda com o propósito de obter o reconhecimento da Igreja.<sup>73</sup>

### **2.4.1 O processo de unificação entre a IECLA e a IELSA**

Na capital do país, o grupo foi informado pelo Ministério da Justiça de que existia, no Cunene, uma Igreja Evangélica Luterana, de maneira que, naquele órgão público, não poderia ser recebida outra documentação relativa a uma “Igreja Luterana”. Desse modo, a delegação prosseguiu viagem até Lubango, capital da província de Huila, e ali localizaram Titus Namunyekua, Secretário Geral da Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola (IELSA), e a missionária finlandesa Ritva Marttala. Ambos mostraram-se surpresos ao tomarem conhecimento de que havia luteranos em Cabinda.<sup>74</sup> Velho detalha o encontro da seguinte forma:

Assim surgiram diversas perguntas, dentre as quais destacam-se [sic] as seguintes:

- Aonde [sic] conheceram o Luteranismo?
- Desde quando são Luteranos?

---

<sup>72</sup> VELHO, 2012, f. 39s.

<sup>73</sup> VELHO, 2012, f. 40.

<sup>74</sup> VELHO, 2012, f. 40.

- Como trabalham?
- Quantos membros têm?

Estas [*sic*] e outras perguntas foram respondidas e os participantes da reunião, sendo um caso especial devido à possibilidade aberta da unificação das duas igrejas, chegaram às seguintes conclusões e recomendações:

1º - Ambas partes [*sic*] alterarem o nome da denominação, isto é: Cabinda deixa de se chamar “Comunidade Evangélica Luterana de Angola” e passa a chamar-se “Igreja Evangélica Luterana em Angola”. Cunene deixar de se chamar “Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola” e passa a chamar-se “Igreja Evangélica Luterana de Angola”.

2º - Deslocar-se a Cabinda uma delegação dos luteranos do Sul de Angola para se constatar a realidade.<sup>75</sup>

Somente a primeira decisão foi efetivamente cumprida, uma vez que a delegação da IELSA, que tinha à frente o Pr. Noé Ndeutapo e estava encarregada de verificar a situação da comunidade luterana em Cabinda, acidentou-se no trajeto entre Xangongo e Lubango, de maneira que a viagem foi cancelada. Assim, as duas denominações luteranas prosseguiram suas atividades separadamente.<sup>76</sup>

Entrementes, em 30 de outubro de 1985, Isabel Costa Pedro, uma senhora que se achava doente, foi conduzida de Luanda a Cabinda. Ali, na Comunidade Evangélica Luterana em Angola, recebeu oração e foi curada pela graça de Deus. De volta a sua casa em dezembro do mesmo ano, resolve, juntamente com o esposo, Domingos Ganda Rodrigues, oferecer o quintal para a celebração de cultos luteranos com o auxílio dos obreiros de Cabinda. Estes ainda abriam outra frente de trabalho em Luena, na província de Moxico.<sup>77</sup>

Nessa ocasião, o Pr. Armando Kapuca, descontente com o Congregacionalismo, viajou do Huambo ao Cunene, onde esperava ser acolhido pelos luteranos. Ali, a Igreja lhe disse que o receberia como membro, porém não como pastor. Kapuca pretendia continuar o testemunho do já falecido Mário Chinguete, de modo que decidiu ir até a comunidade luterana em Cabinda. Por fim, ali foi aceito como pastor.<sup>78</sup> É o começo das negociações que resultarão numa denominação nova, como relata Velho:

Por esta razão [*sic*] as congregações de Cabinda e Huambo decidiram trabalhar juntas. Terminada a visita, de regresso Kapuca é informado da existência de uma filial luterana em Luanda. Estando em Luanda, o Pr. Armando Kapuca localizou a filial. A partir daí abriu-se o contacto Luanda – Huambo e vice-versa, com laços mais fortes do que com Cabinda, considerando a facilidade dos meios de comunicação. Era mais fácil viajar para o Huambo, devido aos aviões militares que diariamente frequentavam aquela cidade, na altura muita afectada pela guerra.

<sup>75</sup> VELHO, 2012, f. 40s.

<sup>76</sup> VELHO, 2012, f. 41.

<sup>77</sup> VELHO, 2012, f. 41.

<sup>78</sup> VELHO, 2012, f. 41s.

Entretanto [sic] para se chegar a Cabinda [sic] os custos eram bastante elevados. A viagem só pode ser feita por via aérea [sic] ou marítima. Não obstante as dificuldades identificadas, o eixo de trabalho eclesiástico entre Cabinda, Luanda e Huambo ficou estabelecido. Elaborou-se o Estatuto e o regulamento mudando o nome da denominação novamente de Igreja Evangélica Luterana de Angola para Igreja Evangélica da Confissão Luterana em Angola.<sup>79</sup>

A Direção eleita para a Igreja Evangélica da Confissão Luterana em Angola (IECLA) tinha António Alfredo Barros (Luanda) como presidente da denominação e Armando Kapuca como vice-presidente. Desse modo, o trabalho progrediu. No Brasil e na Alemanha, os novos luteranos foram cordialmente acolhidos e a unificação das Igrejas Luteranas em Angola, encorajada.<sup>80</sup>

A Direção da IECLA resolveu ocupar-se do assunto da unificação e, no começo de 1992, os contatos com a IELSA foram novamente estabelecidos, embora a estigmatização tribal tenha, num primeiro momento, tornado as relações difíceis. Felizmente, tornou-se viável planejar dois encontros com as Direções das duas Igrejas em Luanda. Velho narra a conclusão do processo de unificação da seguinte maneira:

Finalmente [sic] no dia 5 de julho de 1994 [sic] as duas direcções [sic] encontraram-se no Lubango desta feita para se tomar a decisão final naquilo que já vinham procurando há 10 anos. Como se esperava, assinou-se o documento de entendimento entre as duas direcções com as seguintes conclusões:

A Igreja unificada seria designada de Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA) sem necessidade de se formar novo Estatuto e Regulamento; e os pastores do “norte” [sic] por terem exercido o ministério até então sem a formação necessária, deviam agora ser formados.

Foram necessários 10 anos para os evangélicos luteranos se unificarem e o Lubango é o marco histórico: foi o ponto de partida e de chegada.<sup>81</sup>

Sob o mesmo Estatuto e Regulamento, a IELA investiu com urgência no preparo formal de líderes e em sua consagração ao ministério pastoral.<sup>82</sup>

#### **2.4.2 Dificuldades de sustento dos/as pregadores/as luteranos/as em Angola**

Com a unificação das duas Igrejas e seu crescimento – isto é, a Igreja saiu da área rural e passou à área urbana –, a MELF achou-se incapacitada para pagar os/as pregadores/as.

<sup>79</sup> VELHO, 2012, f. 42.

<sup>80</sup> VELHO, 2012, f. 42.

<sup>81</sup> VELHO, 2012, f. 42s.

<sup>82</sup> VELHO, 2012, f. 43.

Somente ajudou por mais dois anos: em 1995, pagou 100%; em 1996, 50%. Nesse último ano, com a realização do Terceiro Sínodo Geral da Igreja, o pagamento foi encerrado.

Durante o Sínodo, realizado em Shangalala, no Cunene, os membros da assembleia, por influência dos missionários, determinaram que a MELF parasse de sustentar os/as pregadores/as e passasse essa responsabilidade às congregações, que foram surpreendidas pela decisão. Os missionários adaptaram um fascículo redigido por uma professora missionária chamada Caisa Alme que continha orientações sobre como dar o dízimo e as ofertas, a fim de que circulasse em todas as congregações da Igreja. Esse material constituiria a base de seminários sobre o assunto a serem realizados com os líderes das congregações. Não houve êxito, já que os afetados pela medida eram os mesmos que ensinavam. Na cultura bantu, diz-se o seguinte: “O pássaro que pousou na sua flecha você não consegue matar. Deve fazê-lo o outro que está ao seu lado”. Mais grave era o fato de as congregações terem vivido por 141 anos numa dependência total dos missionários. Nenhuma delas fora ensinada sobre o dízimo e as ofertas. Somente os membros em plena comunhão tinham o dever de entregar uma contribuição anual de quase 500 kuanzas, quantia equivalente a 5 USD. O projeto dos seminários foi um fracasso. O Sínodo ainda deliberou que cada congregação deveria contribuir anualmente com 10.000 kuanzas (100 USD) para a caixa geral da Igreja.

Em dezembro de 2000, durante o Quarto Sínodo, reunido em Shangalala, os pregadores reclamaram, pois não recebiam salário havia quatro anos. O Sínodo determinou que todas as dívidas fossem pagas. Todavia, de acordo com a representação da MELF, só poderia ser destinado auxílio a alguns projetos, uma vez que pagar os/as trabalhadores/as já não fazia parte da missão da organização finlandesa.

O Sínodo Geral ofereceu algumas alternativas, porém, como alguns membros da área rural e outros da área urbana não percebiam a necessidade dos dízimos e das ofertas, o Sínodo recomendou o uso de três métodos: a cota (contribuições), o dízimo e as ofertas. Todas as ofertas dominicais passariam para as congregações e somente seriam entregues anualmente à caixa geral da Igreja os 10.000 kuanzas. Ao mesmo tempo, o Sínodo orientou os líderes da Direção e os membros do Conselho Executivo eleito a procurarem parcerias internas e internacionais.

O Conselho da Igreja elegeu um grupo para explicar a importância do sustento dos/as pregadores/as. O grupo fracassou por não ter dinheiro para o trabalho. A essa altura, os trabalhadores luteranos ainda eram pagos com recursos da caixa geral da Igreja, por sua vez sustentada pela MELF. Contudo, também já estava a diminuir o percentual pago.

Em 2003, no Quinto Sínodo Geral da IELA, em Shangalala, apresentou-se novamente o problema do sustento de pregadores. As dívidas continuavam a subir. Na ocasião, registraram-se, no ponto 4 do relatório, algumas estratégias destinadas a levantar recursos para a caixa das congregações:

- 1) Organizar encontros para assar carne de gado ou frango, a fim de vendê-la nas reuniões das congregações;
- 2) Fazer competições de ofertas entre homens e mulheres nas congregações;
- 3) Criar projetos de pesca para os que vivem próximos ao mar e aos rios;
- 4) Vender cereais dos campos;
- 5) Comercializar as diferentes espécies de gado;
- 6) Ensinar as crianças, enquanto pequenas, a ofertar para Deus.

O Sínodo também decidiu pedir auxílio às Igrejas-irmãs do Brasil e da Alemanha. Com relação às estratégias arroladas acima, não ficou claro se seriam produtos e gado da Igreja ou dos membros. Mesmo com essas tentativas, permaneceu a orientação do Sínodo de que os salários dos/as pregadores/as saíssem da caixa geral da Igreja.

Em dezembro de 2007, ao ser realizado, novamente em Shangalala, o Sexto Sínodo Geral da IELA, a questão do sustento ficou ainda mais complicada, visto que agora afetara a Direção Geral da Igreja. Contabilizava-se um atraso de três meses em seu pagamento quando o relatório de finanças foi apresentado. Os/As pregadores/as começaram a procurar outros empregos fora do ministério, por exemplo, no Serviço Público. Das 40 congregações, somente 3 conseguiam pagar seus pregadores/as e não mais que 10 entregaram a cota anual de 10.000 kuanzas para a caixa geral da Igreja. A Direção tentou negociar as dívidas dos/as pregadores/as, que não aceitaram. Mesmo assim, o Sínodo encarregou a liderança eleita de organizar uma Conferência Internacional em 2008. O evento teria lugar no Lubango e deveria contar com os seguintes participantes: o Representante da Missão Global da África da Igreja Evangélica Luterana dos Estados Unidos da América (*Evangelical Lutheran Church in America* – ELCA), o Vice-presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), o Secretário pela África da Federação Luterana Mundial, o Representante da Missão da Igreja Evangélica da Alemanha, o Secretário-Geral da Comunidade dos Luteranos na África Austral (*Lutheran Communion in Southern Africa* – LUCSA), o Bispo da Zâmbia, o Bispo da Namíbia, o Bispo de Moçambique e a Direção Geral, os membros do Conselho e os pastores distritais da IELA. A expectativa da Igreja era que os visitantes se pronunciassem sobre o pagamento das dívidas ou garantissem o financiamento de alguns projetos sociais e ministeriais. Isso não aconteceu. Somente aconselharam que a Direção da IELA envidasse



mais esforços para resolver seus problemas. No tocante ao pagamento das dívidas, esclareceu-se que, para serem aceitos naquelas organizações, os projetos deveriam ser bem elaborados.

O Sínodo aprovava o lema “Rumo à sustentabilidade da IELA”. Com o decorrer do tempo, aumentaram as dificuldades por conta de dois pontos de vista que se instalaram: enquanto alguns achavam que a cadeira máxima da Igreja deveria ser ocupada pelo Bispo, outros se preocupavam com a sustentabilidade. De acordo com o ensinamento a respeito do Bispado, a presença do Bispo faria os problemas diminuírem. Como a maioria dos membros vivia em áreas rurais, a eleição de um Bispo foi concretizada no Sínodo seguinte. Todavia, a situação do sustento piorou ainda mais.

O Sétimo Sínodo Geral, realizado em Ondjiva, capital do Cunene, no mês de novembro de 2011, constatou, portanto, a continuidade do problema. Havia pregadores que contavam quase 15 anos de trabalho sem salário, sobrevivendo à custa de atividades particulares. Aqueles que desenvolviam o ministério nas áreas rurais extraíam seu sustento do trabalho na lavoura, da venda de gado e do serviço de táxi. Os obreiros que estavam na cidade, visto que sua situação piorava cada vez mais, passaram a procurar emprego no Serviço Público, além de se ocuparem com trabalhos particulares.

O artigo 3º da Lei Geral do Trabalho da República de Angola, ponto 1, determina: “Todos os cidadãos têm direito ao trabalho livremente escolhido, com igualdade de oportunidades e sem qualquer discriminação baseada na raça, cor, sexo, origem étnica, estado civil, condição social, ideias religiosas ou políticas, filiação sindical ou língua”.<sup>83</sup>

Por fim, o artigo 43 da mesma legislação estabelece os deveres do empregador:

- a) Tratar e respeitar o trabalhador como seu colaborador e contribuir para a elevação do seu nível material e cultural e para a sua promoção humana e social.
- b) Contribuir para o aumento do nível de produtividade, proporcionando boas condições de trabalho e organizando-o de forma racional.
- c) Pagar pontualmente ao trabalhador o salário justo e adequado ao trabalho realizado, praticando regimes salariais que atendam à complexidade do posto de trabalho, ao nível da qualificação, conhecimento e capacidade do trabalhador da forma que [*sic*] como se insere na organização do trabalho e aos resultados no trabalho desenvolvido.<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> DIREITO do Trabalho: República de Angola. Lobito: Escolar Editora, 2009. p. 4.

<sup>84</sup> DIREITO, 2009, p. 21.

## 2.5 As relações de cooperação entre a MELF e a IELA

Segundo Velho, as relações de cooperação entre a MELF e a IELA são de longa data, a ponto de ser possível assinalar as semelhanças que ambas compartilham no tocante à fundamentação teológica e aos princípios de cooperação.<sup>85</sup>

### 2.5.1 MELF: fundamentação teológica e princípios de cooperação

Dentre os assuntos elencados por Velho que compõem a fundamentação teológica da MELF, destacam-se os seguintes: a Missão de Deus no mundo, o Evangelho total para a pessoa toda e o mundo todo, a Missão como testemunho comum da Igreja e dos cristãos.

A ação de Deus, o Criador Todo-Poderoso, é perene, pois ele concede e sustém a vida de sua criação. A Missão de Deus no mundo tem a ver, de maneira mais profunda, com a obra que Deus realizou através de Cristo, a vocação para seguir a Cristo e o mandamento da proclamação do evangelho. O Espírito Santo é a força que impulsiona e orienta a Missão. A Igreja de Cristo é o sinal do Reino de Deus, cuja chegada em plenitude foi incumbida de preparar, ocasião em que Deus fará uma nova criação.<sup>86</sup>

A vida humana, portanto, em todos os seus aspectos, é alvo da obra salvífica e curadora de Deus. As necessidades espirituais não podem ser tratadas em detrimento das necessidades físicas. Deus deseja envolver com seu amor a pessoa toda e ampará-la neste mundo. O anúncio do Evangelho, por conseguinte, precisa ser concretizado em palavra e ação, sendo capaz de renovar completamente a pessoa, a comunidade, o mundo.<sup>87</sup>

A MELF, comprometida com o testemunho da Igreja cristã, propõe-se a cooperar com as congregações e distritos da Igreja Evangélica Luterana da Finlândia, além de movimentos de reavivamento em prol da evangelização. Ao mesmo tempo, integra as conversas sobre as relações ecumênicas entre as igrejas luteranas, de modo a reforçar a colaboração entre elas. Nesse sentido, há também a iniciativa de desenvolver laços de

---

<sup>85</sup> VELHO, 2012, f. 48.

<sup>86</sup> VELHO, 2012, f. 48s.

<sup>87</sup> VELHO, 2012, f. 49.

comunhão com as organizações missionárias das outras denominações cristãs, conservando, todavia, a identidade luterana.<sup>88</sup>

Embora a MELF procurasse, no começo, concentrar-se nas relações de colaboração entre organizações missionárias, desde a década de 1970, com o surgimento das Igrejas independentes, seus esforços visam ao estabelecimento de parcerias diversificadas. Os parceiros fundamentais da MELF para a realização do trabalho missionário são as igrejas luteranas da Ásia, África, América Latina e Europa. Destaque-se, sobretudo, o vínculo importantíssimo da organização missionária finlandesa com as comunidades luteranas locais.<sup>89</sup>

A intensificação da colaboração entre a Igreja Evangélica Luterana da Finlândia, as suas congregações, [*sic*] e as igrejas que cooperam com a MELF é um objectivo da colaboração na missão. A MELF participa no desenvolvimento dum novo modelo de colaboração e está envolvida em procurar meios mais concretos do que dantes para resolver questões ainda sem resposta.<sup>90</sup>

Entre os princípios de cooperação praticados pela MELF, contam-se: a oração comum como base para a construção de uma visão para o futuro; o oferecimento de oportunidade aos seus parceiros para apresentarem objetivos de trabalho e compartilharem recursos espirituais e materiais e a avaliação conjunta da qualidade da colaboração e seus resultados.<sup>91</sup>

No que se refere ao/à pregador/a, a MELF entende que ele/a é servo/a da Palavra de Deus. Sua tarefa é anunciar a mensagem do evangelho, a saber, o amor de Deus comprovado pela salvação trazida por Cristo. De acordo com a teologia luterana, todo cristão tem o dever de testemunhar o evangelho, não importa qual seja sua profissão ou seu nível de instrução.<sup>92</sup> O que Velho diz sobre a compreensão que a Igreja Evangélica Luterana da Finlândia possui a respeito do missionário pode ser aplicado obviamente ao/à pregador/a:

Na Igreja Evangélica Luterana da Finlândia, a palavra “missionário” se refere a uma pessoa que foi especialmente treinada para a obra missionária [*sic*] e que foi consagrada ao seu serviço, e que [*sic*] com algumas exceções [*sic*], trabalha fora do país. O missionário do terceiro milénio está pronto para enfrentar os novos desafios surpreendentes do mundo em mudanças. Ele é corajoso e predisposto para colaborar com outras igrejas. O ambiente onde o missionário trabalha torna-se cada vez mais internacional.<sup>93</sup>

---

<sup>88</sup> VELHO, 2012, f. 50.

<sup>89</sup> VELHO, 2012, f. 50s.

<sup>90</sup> VELHO, 2012, f. 51.

<sup>91</sup> VELHO, 2012, f. 51.

<sup>92</sup> VELHO, 2012, f. 51.

<sup>93</sup> VELHO, 2012, f. 51.

### 2.5.2 IELA: fundamentação teológica e princípios de cooperação

A fundamentação teológica e os princípios de cooperação que regem o ministério da IELA podem ser encontrados em seu Estatuto. No Capítulo I, afirma-se:

A Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA) é fundamentada na Bíblia, a Palavra Santa infalível. A doutrina professada pela Igreja conforme a Palavra de Deus está bem clara no símbolo [sic] Apostólico, no Símbolo Niceno e no Símbolo de Atanásio, na Confissão de Augsburg, na Apologia da Confissão de Augsburg, no catecismo Maior e Menor do Dr. Martinho Lutero; mas [sic] diante de todas estas confissões e outros escritos [sic] está a Bíblia como fundamento de fé e doutrina. Sob [sic] este fundamento [sic] a Igreja Evangélica Luterana de Angola tem possibilidades quer de cooperação ou de unificação com Igrejas, que [sic] de tal princípio [sic] professam a fé e assim empregam a Bíblia por esta Igreja.<sup>94</sup>

A respeito da composição da IELA, o Capítulo II reza:

A Igreja Evangélica Luterana de Angola é constituída pelas congregações e todas as áreas de acção [sic] missionária fundadas pelos missionários da Igreja Evangélica Luterana da Namíbia (ELCIN) em cooperação com a Missão Evangélica Luterana Finlandesa (MELF) e pelas congregações e áreas de acção [sic] missionária fundadas por esta Igreja.<sup>95</sup>

O Capítulo XIX do Estatuto dispõe sobre o recolhimento e utilização dos recursos financeiros: “A IELA e as suas congregações têm direito de receber dízimo, coletas e outros bens e empregá-los segundo o Regulamento da Igreja.”<sup>96</sup> No ponto 2 desse capítulo, declara-se: “A Igreja está atenta às suas funções, bem como aos obreiros ordenados. O Conselho Executivo da Igreja deve zelar pelas congregações para executar segundo o Regulamento da Igreja.”<sup>97</sup>

Segundo o artigo 129, o Conselho Executivo tem o dever de zelar pelo trabalho da congregação:

1. Velar pelas tarefas determinadas pelo Regulamento da Igreja e guiar a congregação nas diversas tarefas da vida cristã [sic] tais como:
  - a) Zelar e velar pela preservação da vida e costumes cristãos nos lares e nas escolas, para que o carácter cristão seja cultivado;
  - b) Zelar pela tarefa diaconal e missionária;
  - c) Disciplinar os membros da congregação caso necessário; [...]<sup>98</sup>

<sup>94</sup> VELHO, 2012, f. 52.

<sup>95</sup> VELHO, 2012, f. 52.

<sup>96</sup> ESTATUTO da Igreja Evangélica Luterana de Angola. Lubango: IELA, 2012. s. p.

<sup>97</sup> ESTATUTO, 2012, s. p.

<sup>98</sup> ESTATUTO, 2012, s. p.

Conforme Velho destaca, não houve revisão do Estatuto desde a época em que a IECLA e a IELSA foram unificadas.<sup>99</sup> Isso representa uma complicação a mais para a questão do sustento dos/as pregadores/as, visto que o documento não faz menção do assunto. Quando o Estatuto foi elaborado, o pagamento dos/as pregadores/as era feito pela caixa geral da Igreja.<sup>100</sup>

Quanto à fundamentação teológica e aos princípios de cooperação da IELA, Velho arremata:

Está mais que claro que a IELA como Igreja tem dificuldades em dar a sua contribuição na cooperação porque não sabe bem onde se basear. E [*sic*] se ela quer melhorar a cooperação com os seus parceiros, é importante elaborar uma base teológica e princípios bem definidos, desafio que ultimamente a igreja vem assumindo com a convocação de alguns ministros para o estudo teológico em vários lugares fora de Angola.<sup>101</sup>

### ***2.5.3 Considerações sobre a colaboração entre a IELA e a MELF***

Como não poderia deixar de ser, tanto a IELA quanto a MELF são geridas por pessoas sujeitas a falhas. Evidentemente, isso se refletirá na realização do trabalho. Velho assinala, de um lado, o receio que a IELA tem de denunciar aquilo que não vai bem por medo de perder o auxílio financeiro da MELF e, de outro, a atitude “autossuficiente” desta, que parece convencida de que não precisa daquela. A IELA, pelo contrário, tem muito a oferecer à MELF em termos de patrimônio religioso e cultural, cuja riqueza pode favorecer a transmissão da mensagem cristã.<sup>102</sup>

Primeiramente, ressalte-se a concepção de mundo do africano. Para ele, tudo o que existe foi criado tendo em vista o ser humano. Essa percepção é, às vezes, distorcida e coisas como falta de pontualidade ou uso irresponsável de recursos materiais precisam ser combatidas. Todavia, considera-se o ser humano, dentre as obras de Deus, a mais elevada e valiosa. Por essa razão, o progresso e o desenvolvimento devem ser avaliados sob a perspectiva do benefício à humanidade.<sup>103</sup>

Em segundo lugar, a sociedade africana é mais comunitária do que individualista. O africano constrói a sua identidade sob um vínculo indissociável com a comunidade. As

---

<sup>99</sup> VELHO, 2012, f. 52.

<sup>100</sup> ESTATUTO, 2012, s. p.

<sup>101</sup> VELHO, 2012, f. 52.

<sup>102</sup> VELHO, 2012, f. 53.

<sup>103</sup> VELHO, 2012, f. 53.

relações de sangue possuem tremenda relevância e são essas relações que se encontram na base do tribalismo. A Igreja, por sua vez, “[...] é, acima de tudo, uma família, uma família alargada, feita de afeição e solicitude. É uma unidade social em que se compartilham necessidades, em que as dores se sofrem em comum e se espalha o amor.”<sup>104</sup>

Em terceiro lugar, deve ser mencionada a capacidade dos povos africanos de adaptarem-se culturalmente. Sobre isso, Velho diz:

A história dos africanos em diáspora (por exemplo, nas Américas do Norte e do Sul, e Índias Ocidentais) demonstra que os africanos não se deixam vergar facilmente pela adversidade. Não só conseguiram sobreviver às plantações da cana de açúcar [sic], mas transformaram o próprio “deserto”, convertendo-o no seu lar. Resistência e flexibilidade verdadeiramente indispensáveis a missões que requerem o entrecruzamento de culturas. Para onde quer que se vá, seja a gelada Groenlândia ou a isolada ilha da Nova Zelândia, encontrar-se-ão sempre africanos em busca de uma de duas coisas: ou educação ou riquezas. No mercado de trabalho [sic] sai ainda menos dispendioso [sic] a manutenção de pregadores/as africanos. Ora [sic] tal energia pode e deve ser canalizada no sentido das missões a nível mundial. Um estilo de vida simples é, na verdade, uma questão de necessidade, já que o suporte financeiro proveniente do seu país é muitas vezes inexistente ou, na melhor das hipóteses, irregular. Seria por isso adequado que vivam [sic] “pela fé”, porque é essa, de facto, a forma como subsistem.<sup>105</sup>

É preciso observar que as missões cristãs trouxeram à África um Cristianismo fragmentado. Cada qual reproduziu, em solo africano, o modelo de igreja vigente em seu país de origem. Além disso, como relata Velho, a atividade missionária

[...] baseada num cortês reconhecimento mútuo segundo o qual cada grupo missionário trabalharia exclusivamente numa zona geográfica e com uma só tribo constitui, em última análise, uma ameaça à mensagem bíblica de unidade cristã. Foi assim que se produziram cristãos tribais. Ainda hoje, entre muitos cristãos africanos, a lealdade à sua tribo se sobrepõe a que devem à comunidade cristã. Considere-se [sic] quantos jovens cristãos são ainda impedidos pelos seus pais de casarem com pessoas de outras tribos, e isso apesar desses [sic] jovens se sentirem guiados por Deus na escolha que fizeram! Trata-se de uma atitude que escandalosamente se opõe a passagens bíblicas como Jo 17.21-23, Ef 2.14-18; 4.1-6 e Gl 3.28. [...]

Acredita-se [sic] de maneira geral, que “dividir para reinar” é a filosofia de Satanás. Não deixa, por isso, de ser intrigante que, mesmo com uma teologia comum, a Igreja se apresenta [sic] tão fragmentada, tão polarizada e tão dividida no que diz respeito a aspectos raciais e sociais!<sup>106</sup>

Esses problemas continuam nas Igrejas africanas, mesmo que a maioria delas esteja associada a organizações ecumênicas como o Conselho de Igrejas Cristãs em Angola (CICA), a Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST) e a Aliança Evangélica de Angola (AEA). Nesses fóruns, porém, não há debates que aprofundem a questão do sustento dos/as pregadores/as. Paga-se alguma coisa a uns; a outros, não. Há aqueles/as que vivem pela fé. É

<sup>104</sup> VELHO, 2012, f. 54.

<sup>105</sup> VELHO, 2012, f. 54.

<sup>106</sup> VELHO, 2012, f. 55.

como se os/as pregadores/as fossem simplesmente seres espirituais, sem direito a sustento algum. Isso, inclusive, é contrário à legislação do país, conforme a referência feita anteriormente à Lei Geral do Trabalho da República de Angola. Faz-se necessário lembrar a recomendação bíblica: “Lembra-lhes que se sujeitem aos que governam, às autoridades; sejam obedientes, estejam prontos para boa obra (...)” (Tt 3.1).

Em quarto lugar, as dicotomias em que as culturas do Ocidente dividem os espaços sociais e as dimensões de vida – sagrado e profano; espiritual e material; político e religioso – soam aos africanos como conceitos estranhos. Velho detalha esse aspecto:

Para um africano [*sic*] a religião não se limita a um compartimento da existência, é subjacente à própria vida, permeando-a por completo. A mente africana não vê em nada do que acontece o resultado de uma simples relação de causa e efeito. A todas as acções [*sic*], reacções [*sic*] e acontecimentos se dá uma interpretação religiosa. A realidade é como um tambor: a vibração propaga-se qualquer que seja o ponto em que se toque. Assim se explicam os paradoxos da vida, como o bem e o mal, que os africanos aceitam e com os quais convivem em vez de se preocuparem com o “porquê [*sic*] e com o “como” da solução. É uma aproximação holística à realidade que implica idêntica e dinâmica atitude face às necessidades humanas. “O que é bom para a alma é bom para o corpo”, diz um provérbio zulu.<sup>107</sup>

Os missionários ensinaram, por exemplo, que não se pode associar dinheiro e Bíblia. O dinheiro é de Satanás. Por isso, persiste entre os líderes africanos a ideia de que quem discute o seu direito ou o seu salário não tem fé. Mencionamos acima as razões do Dr. John O. Means para escolher as regiões do Bié e do Cuanza como ponto inicial do trabalho missionário da ABCFM: essas localidades ainda não haviam sido abertas ao comércio. Para ele, evangelho e dinheiro não podiam andar juntos. Essa mentalidade é um problema para as igrejas africanas, uma vez que, em vez de procurarem o equilíbrio financeiro, pendem para um de dois extremos: ou a pobreza econômica dos/as pregadores/as ou a utilização do evangelho como comércio.

Em quinto lugar, a IELA pode oferecer, em termos de colaboração com a MELF, a atitude respeitosa perante a natureza. Velho afirma:

Embora acreditando que todas as coisas existem para benefício da humanidade, os africanos não abusam da natureza nem fazem mau uso dos recursos. Provavelmente porque pertencem a uma sociedade de economia agrícola, e sabendo que a sua vida depende fortemente da natureza, e em particular da terra, os africanos têm em alta estima o ambiente em que vivem. O que nos aflige tem [*sic*] sobretudo [*sic*] a ver com a pobreza, a doença e a higiene. É bem possível que esse respeito pela natureza encontre a sua raiz numa atitude religiosa, já que são frequentes os casos em que rios, montes, árvores e certos animais são revestidos de atributos divinos, chegando mesmo, por vezes, a tornar-se objecto de culto.<sup>108</sup>

---

<sup>107</sup> VELHO, 2012, f. 56.

<sup>108</sup> VELHO, 2012, f. 56.

Em sexto lugar, destaque-se o fascínio dos africanos pela história, expresso tanto no costume antigo de se transmitir às crianças as memórias sobre os antepassados quanto no trabalho de preservação das tradições locais realizado por historiadores profissionais.<sup>109</sup> A fé cristã, por seu turno, foi construída a partir do chão da história. Demonstram-no a chamada e a promessa de Deus a Abraão; a aliança divina firmada com Davi; a rebelião, o cativo e a restauração de Israel; o acontecimento cristológico. A Igreja não pode, portanto, ignorar a sua história.<sup>110</sup>

A Igreja Evangélica Luterana de Angola, na sua missão de transmitir o evangelho de Cristo, têm desenvolvido algumas ações sociais que iremos demonstrar. Todos os trabalhos se realizam em cooperação com instituições internacionais religiosas. Isso não tem nada a ver com o pagamento dos levitas.

## **2.6 A ação social da IELA**

Para falarmos de ação social da IELA, precisamos considerar a formação dos/as pregadores/as para o ministério diaconal e a cooperação entre as organizações cristãs nacionais e internacionais.

### ***2.6.1 A formação de pregadores/as para o ministério diaconal***

Entre 2005 e 2008, o Instituto Bíblico de Shangalala deu início à formação de 15 pregadores/as para o serviço diaconal. Com isso, ampliaram-se os trabalhos de diaconisas e diáconos, antes restritos ao acompanhamento do pastor na arrumação da mesa da Santa Ceia e ao serviço desta. As diaconisas e os diáconos passaram a assistir os idosos nas congregações e ao redor, fazer visitas ao Lar da Terceira Idade e aos presídios para pregar a Palavra de Deus e acompanhar os portadores de HIV/SIDA.

Apesar de terem recebido uma formação, os/as pregadores/as deparam-se com o obstáculo da falta de recursos. Se, mesmo sendo pregadores/as formados, não recebem

---

<sup>109</sup> VELHO, 2012, f. 56s.

<sup>110</sup> VELHO, 2012, f. 57.



salário, como vão aplicar aquilo que aprenderam acerca de ajudar os pobres, visto que eles/as mesmos/as são vítimas da pobreza? Não lhes resta alternativa, senão regressarem às suas ocupações anteriores.

### ***2.6.2 A cooperação entre as organizações cristãs nacionais e internacionais***

Na área social, a IELA tem dado alguns passos importantes. A Igreja possui uma clínica e três postos médicos nas áreas rurais, cujos funcionários são pagos pelo governo do país. Os estabelecimentos contam com o apoio da MELF e há uma enfermeira que trabalha em tempo integral. A IELA, também com a cooperação do governo, mantém seis escolas, das quais duas estão nas áreas rurais e as outras, nas áreas urbanas. Os edifícios em que essas instituições de educação funcionam foram construídos com a ajuda da MELF.

A Igreja desenvolve um projeto de luta contra a malária: fornece mosquiteiros para pessoas de terceira idade e crianças menores de cinco anos, além de promover palestras nas comunidades. O projeto acontece em quatro províncias de Angola, sendo patrocinado pela Igreja Evangélica Luterana da América (ELCA) e orientado pela Comunidade dos Luteranos na África Austral (LUCSA), sediada na África do Sul. Há, ainda, um projeto de luta contra o HIV/SIDA realizado com todas as congregações da IELA.

À luz de tudo que foi tratado neste capítulo, conclui-se que existe uma espécie de vício missionário, a saber, o de não ensinar a verdade sobre o sustento de pregadores/as. O povo africano via os missionários como doadores de tudo, desde o ensino da Palavra de Deus até a ajuda nas questões materiais e sociais. Com isso, as igrejas tradicionais encontram dificuldades para ultrapassar os mesmos problemas e não só por falta de uma formação que possibilite ao líder adquirir os subsídios necessários ao ensino. Sofre-se uma invasão das igrejas neopentecostais, além do ensino duvidoso proveniente de outras seitas. Tanto umas quanto outras vêm ganhando terreno por enfatizarem somente o dar como base da fé. Certos pregadores das igrejas tradicionais, porque recebem um salário muito abaixo das expectativas, não conseguem pagar a propina referente à matrícula de seus filhos na escola e nem mesmo dispõem de uma reserva para custear tratamentos de saúde. As circunstâncias são ainda piores para os que vivem nas áreas rurais: além da escola, muitos não conseguem dar de comer o suficiente às suas crianças. Certos países da África não possuem controle da taxa de natalidade, o que agrava a situação social no continente.

Portanto, as falhas registradas neste capítulo e no anterior resumem-se ao seguinte: as igrejas em Angola não acatam as orientações da Bíblia sobre o sustento de pregadores/as, visto que, desde o seu surgimento, não foram devidamente ensinadas pelos missionários a respeito do assunto. Desse modo, no último capítulo, iremos fazer uma avaliação e apresentar algumas perspectivas para melhorar a situação atual e, conseqüentemente, o futuro da igreja.

### **3 O SUSTENTO DE PREGADORES/AS NA IELA: AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS**

Ao olharmos para o sustento de pregadores/as na IELA, notamos deficiências importantes. É compreensível que, em todo empreendimento humano, falhas aconteçam. Todavia, faz-se necessário manter sempre a disposição para receber críticas, a fim de que haja contínuo aperfeiçoamento.

#### **3.1 Avaliação do sustento de pregadores/as na IELA**

A IELA adquiriu autonomia somente em 1992. Antes disso, o trabalho missionário em Angola, principalmente depois da partida dos obreiros alemães, fora entregue à liderança da Igreja Evangélica Luterana da Namíbia (*Evangelical Lutheran Church in Namibia – ELCIN*). Mesmo após tornar-se autônoma, a IELA permaneceu sob a influência de seus parceiros de trabalho, em especial a MELF, que sempre manteve um representante no Conselho Executivo da Igreja. Quanto à questão de seu governo, ainda não se estabeleceram normas estatutárias e regulamentares com precisão, embora, no Sínodo Geral de 2012, tenha sido eleito o Bispo da Igreja.<sup>111</sup>

A IELA, por conseguinte, conserva uma autonomia relativa, inclusive porque os recursos para viabilizar as atividades da Igreja – edificação e manutenção de escolas, hospitais, templos; compra de automóveis e outros equipamentos – provêm de financiamento estrangeiro. Essa situação é resultado de se haver deixado de ensinar aos membros, desde muito cedo, a importância da entrega dos dízimos e das ofertas para que a Igreja obtenha seu autossustento, mesmo que isso implique dificuldades.<sup>112</sup>

Quanto ao Instituto Bíblico de Shangalala, há sérios problemas de aproveitamento. Casa de formação de obreiros para os quatro ministérios da Igreja – catequese, diaconia, missão e pastorado –, o Instituto sofre com a falta de parâmetros que determinem o ingresso

---

<sup>111</sup> VELHO, 2012, f. 59.

<sup>112</sup> VELHO, 2012, f. 59s.

de candidatos no preparo formal. Dessa maneira, são admitidos alunos sem as aptidões necessárias para enfrentar os desafios dos ministérios.<sup>113</sup>

Se observarmos a atividade missionária de Paulo, perceberemos que o apóstolo empenhava-se para organizar igrejas com governo e sustento próprios, capazes de propagar o evangelho com seus próprios recursos. Inclusive, Paulo conservava o respeito pelas culturas locais, desde que não houvesse conflito com a mensagem que pregava. Diante disso, a IELA tem diante de si o desafio de aplicar o exemplo do apóstolo, de modo a tornar-se autossustentável.<sup>114</sup>

A Bíblia proporciona valiosos subsídios para refletirmos sobre essa questão. A Lei do Senhor abrangia todas as áreas da vida humana. A legislação referente aos dízimos objetivava regulamentar a mordomia dos bens materiais. “(...) o dízimo será santo ao SENHOR” (Lv 27.32).

(...) os filhos de Israel trouxeram em abundância as primícias do cereal, do vinho, do azeite, do mel e de todo produto do campo; também os dízimos de tudo trouxeram em abundância. (...) Então, o sumo sacerdote Azarias, da casa de Zadoque, lhe [a Ezequias] respondeu: Desde que se começou a trazer à Casa do SENHOR estas ofertas, temos comido e nos temos fartado delas, e ainda há sobra em abundância; porque o SENHOR abençoou ao seu povo, e esta grande quantidade é o que sobra (2Cr 31.5, 10).

Entretanto, 400 anos antes da outorga da Lei, Abraão entregou a Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo e tipo de Cristo, o dízimo de tudo (Gn 14.18-20; Hb 7). Jacó, neto de Abraão, reconheceu a existência do princípio moral do dízimo, inscrito no coração, como os Dez Mandamentos, e fez um voto em Betel: entregaria a Deus o dízimo de tudo que este lhe concedesse (Gn 28.20-22; cf. Rm 2.15; Hb 8.10). Houve também outras maneiras de arrecadação de recursos, entre as quais estavam as ofertas. Estas dividiam-se em dois grupos. Do primeiro grupo, faziam parte a oferta de louvor (em hebraico, *tôdâ*) – por uma bênção recebida –, a oferta de voto (em hebraico, *néder*) – em cumprimento de um voto – e a oferta voluntária (em hebraico, *n<sup>e</sup>dābâ*) – doação espontânea de um coração grato. O segundo grupo era constituído pelo holocausto ou oferta queimada por inteiro (em hebraico, *’ôlâ*; cf. Lv 1), pela oferta de purificação ou pelo pecado (em hebraico, *ḥattā’î*; cf. Lv 4), pela oferta pela culpa ou reparação (em hebraico, *’āšām*; cf. Lv 7.1-10), pela oferta de grãos ou cereais (em hebraico, *minḥâ*; cf. Lv 6.7-16), pela oferta pacífica ou de comunhão (em hebraico, *zēbah š<sup>e</sup>lāmîm*; cf. Lv 3.1-17)<sup>115</sup>, além de outras; por exemplo, quando Moisés

<sup>113</sup> VELHO, 2012, f. 60.

<sup>114</sup> VELHO, 2012, f. 60.

<sup>115</sup> LASOR, 1999, p. 91.

ajuntou a congregação do povo de Israel a fim de que todos contribuíssem para a construção do tabernáculo (Ex 35.4-29).

#### O título “levita”

[...] foi empregado para identificar os servidores do tabernáculo e do culto judaico, provindos da tribo de Levi. Seriam, talvez, como os diáconos de nossa época. A instituição dos levitas, feita por Deus, está registrada em Números, 3. Por serem descendentes de Levi, a sua identificação. Os levitas compunham três seções ou divisões ou departamentos. Os gersonitas eram descendentes de Gérson, os coatitas, de Coate, e os meraritas, de Merari. Cada um desses três setores estava responsabilizado pela execução de uma [sic] grupo de tarefas, como está registrado em Números 4. O Senhor determinou até o espaço em que os levitas habitariam, nas proximidades do tabernáculo, para um melhor atendimento de suas funções específicas.

*“Então disse o Senhor a Arão: Tu e teus filhos, e a casa de teu pai, contigo, levareis sobre vós a iniquidade do vosso sacerdócio. E também farás chegar contigo a teus irmãos, a tribo de Levi, a tribo de teu pai, para que se ajuntem a ti e te sirvam; (...) E eles farão a tua guarda, a guarda de toda a tenda, (...) E eu, eis que tenho tomado vossos irmãos, os levitas, do meio do [sic] filhos de Israel; a vós são dados em dádiva pelo Senhor, para administrar o ministério da tenda da congregação”* (Nm 18.1-3; 6).<sup>116</sup>

Além do dízimo, conhecem-se outras formas de arrecadação de fundos, as quais são: oferta, coleta, contribuição, cota e salário.

#### A oferta

[...] é uma doação espontânea, voluntária, feita ao Senhor por um motivo especial de agradecimento. É a expressão material da gratidão por aquilo que Deus é e faz. [...]

A finalidade da Oferta de Gratidão é o reconhecimento de que todas as coisas vêm do Senhor e a Ele devemos expressar isso publicamente.

[...] tem ainda a finalidade de vencer todo sentimento de avareza e encaminhar uma vida de fé com simplicidade e confiança na providência de Deus. [Gn 4.3-5; Sl 24.1; Mc 12.41-44].<sup>117</sup>

Quanto à coleta, os seguintes textos bíblicos mencionam-na: At 11.27-30, Rm 15.22-29 e 1Co 16.1-4. Em geral, não se fala especificamente de dinheiro, porém todas essas citações bíblicas apontam a coleta como forma de demonstração de amor ao próximo. Os/As pregadores/as devem anunciar o evangelho em sua dimensão caritativa, a fim de despertar a igreja para a prática de ajudar o próximo necessitado.

#### A contribuição

[...] é minha oferta de gratidão à Igreja.

<sup>116</sup> CASTRO, Izaldil Tavares de. Levitas? Qual a função deles? *Blog do Professor Tavares*. Disponível em: <<http://prof2tavares.blogspot.com.br/2013/01/levitas-qual-funcao-deles.html>>. Acesso em: 8 mai. 2014.

<sup>117</sup> HOFFMANN, Arzemiro. *Aqui você tem lugar: estudos sobre contribuição proporcional*. [s.l.: s.n.], 1997. p. 10. Para os textos bíblicos, cf. p. 11, 12.

É uma doação sistemática e voluntária em gratidão por tudo que o Senhor me tem concedido.

[Sua finalidade é] Prover a comunidade e a Igreja de recursos para que possam assumir a sustentação ministerial (manutenção de obreiros) e sua ação diaconal (solidariedade junto aos pobres).

[...] A coragem de educar as pessoas para darem o seu dízimo como expressão de gratidão segue os ensinamentos do Antigo Testamento. Seguramente, qualquer de nossas comunidades que adotasse esta modalidade teria dinheiro em abundância para investir na missão. A contribuição do dízimo, como vimos acima, é uma modalidade de contribuição proporcional. Ela é a mais próxima dos ensinamentos sobre contribuição proporcional ensinada no Novo Testamento. Mas é uma prática imposta, não espontânea. A generosidade do proposto pelo evangelho vai além da contribuição do dízimo.

[...] Pelos estudos bíblicos acima, entendemos que a modalidade da contribuição proporcional é a mais justa e coerente com a solidariedade cristã, porque vai além de uma doação de 10% dos ganhos das pessoas.

Para implantar esta modalidade [...] é necessário um processo de evangelização que ajude as pessoas a compreender a profundidade do amor de Cristo e suas exigências éticas para a vida cristã pessoal e comunitária.<sup>118</sup>

A cota é uma forma de imposição ou escravidão. Archer William Smith, em relação ao contexto da escravidão dos hebreus no Egito, assinala o seguinte:

Aos apus foi imposta uma cota de cereais, uma cota de cabeças de animais, uma cota de tijolos e uma cota de juncos. Foi ainda fixada uma cota menor de bens artesanais, outra de tecidos de linho, outra de peças de mobiliário e por último, uma certa quantidade de artigos de vidraçaria.

Substituindo braços que seriam levados para a escravidão, os apus receberam adicionalmente o encargo de construírem, por conta própria, uma modesta rede de silos para armazenagem de grãos e forragens, na margem direita do estuário do Nilo.<sup>119</sup>

Josef Pieper, em sua consideração sobre os vocábulos “salário” e “honorário”, afirma, no tocante a este último, haver uma disparidade entre resultado e recompensa, de modo que a atividade, como tal, não pode ser paga. Salário, pelo contrário, é pago pelo trabalho real. O salário está em função do resultado e não existe incomensurabilidade entre ambos. Ademais, honorário significa, no sentido estrito do termo, contribuição para o sustento e salário, pagamento para o sustento (cf. Lc 10.7; 1Co 9.11, 14).<sup>120</sup>

Neemias censurou os que oficiavam o sacerdócio por permitirem que a casa de Deus ficasse desamparada. Ele lhes recordou o compromisso que os israelitas haviam assumido: “(...) não desampararíamos a casa do nosso Deus” (Ne 10.39). Porque haviam abandonado

<sup>118</sup> HOFFMANN, 1997, p. 30s.

<sup>119</sup> SMITH, Archer William. *História da Bíblia – Velho Testamento: A perda do Deus de Israel*. São Paulo: IBRASA, 2000. p. 29.

<sup>120</sup> PIEPER, Josef. *Felicidade e contemplação: lazer e culto*. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Herder, 1969. p. 140.

seus postos, Neemias fez os levitas lembrarem que tinham suas responsabilidades. O povo também trouxe os dízimos como se lhes exigia (Ne 11–13). Com o propósito de garantir eficiência na administração dos estoques, Neemias nomeou alguns supervisores (Ne 12.44; 13.13), descritos como homens que “foram achados fiéis”.

O crescimento do povo de Israel provocou uma mudança: “Então, virão o levita (pois não tem parte nem herança contigo), o estrangeiro, o órfão e a viúva que estão dentro da tua cidade, e comerão, e se fartarão, para que o SENHOR, teu Deus, te abençoe em todas as obras que as tuas mãos fizerem” (Dt 14.29). Conforme assinalado no primeiro capítulo, a cada três anos, entregavam-se os dízimos por inteiro aos levitas, às viúvas, aos órfãos e aos forasteiros, de maneira que, por haver fartura de pão, todos se sentiam protegidos por seu Deus. Os pobres, os forasteiros, as viúvas e os órfãos eram convidados a participar das festas anuais de Pentecoste e dos Tabernáculos. Nessas ocasiões, agradeciam a Deus por comerem e beberem do fruto colhido da terra e pelas ofertas entregues.

No Antigo Testamento, está claro que Deus exigia que o pão fosse compartilhado com os camponeses e marginalizados. Os frutos oferecidos gratuitamente pela terra pertenciam também a eles. É o que vimos acima, igualmente, no tocante à narrativa do livro de Rute: em conformidade com Lv 19.9s e Dt 24.19, 21, a jovem viúva moabita foi respigar nos campos de Boaz.

Embora não partilhassem da mesma regularidade dos levitas em relação ao serviço divino, alguns profetas, ligados à corte real, recebiam ali o seu sustento.

No tempo em que vivemos, quando se fala do dízimo, acontece de alguns seguidores de Cristo se assustarem. Acham, talvez, que se queira tirar o que é deles. Pelo contrário, o dízimo representa uma tradição do povo de Israel. A princípio, tratava-se apenas de dez por cento. Todavia, hoje, é a partir dessa tradição que as igrejas aplicam os dízimos para o andamento dos seus trabalhos. Através do anúncio do evangelho e da administração dos sacramentos, os sinais visíveis e invisíveis da graça de Deus, as comunidades cristãs mantêm acesa a chama da fé. Se desejam, portanto, que os seus obreiros prestem-lhes esses serviços, é justo que lhes deem o salário correspondente, a fim de que o trabalho de Senhor corra bem.<sup>121</sup>

No Novo Testamento, o Senhor exige que os cristãos entreguem tudo. Aquele/a que crê em Cristo é seu/sua escravo/a. Se contribui para o Reino de Deus com apenas dez por cento do que ganha, em nada ultrapassa aquilo que era exigido do israelita pela Lei. Deus, por

---

<sup>121</sup> DREHER, Carlos A. *Dízimos e ofertas na Bíblia: um mutirão de solidariedade*. São Leopoldo: CEBI, 2009. p. 34.

sua vez, demonstrou o seu amor inigualável para conosco entregando seu único Filho. Além disso, o Senhor continua a derramar suas bênçãos sobre nós.

Sendo que, conforme Tg 1.17, toda boa dádiva vem do Pai Celeste, nós, por nossa vez, demonstramos amor por ele entregando o que temos para abençoar outros. Quando “o amor de Cristo nos constrange” (2Co 5.14), ultrapassamos o zelo e a piedade judaica, devolvendo a Deus, por amor, o dízimo que lhe pertence e, em seguida, contribuimos com ofertas generosas para o Reino.

Conforme já foi visto, a respeito do sustento de pregadores/as, Paulo é claro em 1Tm 5.17s: àqueles que exercem bem a presidência, especialmente aos que se dedicam ao ministério da Palavra, é devida justa remuneração. A palavra grega *proistēmi* (que também aparece em 3.4), acompanhada do advérbio *kalōs*, corresponde a “presidir bem”; *aksioō*, a “merecer”, “ter direito”, “ser correto” (cf. At 15.38; 28.22; 2Ts 1.11).

Pode-se dizer que o apóstolo enuncia uma lei: “Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho” (1Co 9.14). Segundo Paulo, mediante o trabalho, os cristãos deveriam obter seu sustento e o de seus familiares. Pretendia-se, inclusive, que o fruto do esforço pessoal fosse destinado ao auxílio dos pobres (Ef 4.28; 2Ts 3.12).

O dever de um cristão é contribuir com sua igreja por amor. Para Paulo, o trabalho que fazia dava-lhe o direito de receber o sustento devido, embora o contexto tornasse tal questão delicada. O apóstolo não desejava criar um “obstáculo ao evangelho” (cf. 1Co 9.12).

(...) pois vós mesmos estais cientes do modo por que vos convém imitar-nos, visto que nunca nos portamos desordenadamente entre vós, nem jamais comemos pão à custa de outrem; pelo contrário, em labor e fadiga, de noite e de dia, trabalhamos, a fim de não sermos pesados a nenhum de vós; não porque não tivéssemos esse direito, mas por termos em vista oferecer-vos exemplo em nós mesmos, para nos imitardes (2Ts 3.7-9).

Na época do apóstolo dos gentios, havia um fluxo de pregadores equivocados e também grande número de pregadores itinerantes que circulavam por Corinto. Alguns eram representantes de cultos a deuses estranhos; outros, “artistas” de toda espécie, apenas interessados em ganhar dinheiro.<sup>122</sup>

Ao tempo da Reforma Protestante, houve uma preocupação tanto pelos/as pregadores/as quanto pelos pobres e as viúvas. Um exemplo é o da paróquia de Leisnig. Lutero auxiliou o Conselho da cidade a elaborar uma constituição eclesiástica evangélica, a qual criava, inclusive, uma caixa comum de assistência social.

<sup>122</sup> BOOR, Werner de. *Carta aos Coríntios*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004. p. 146.



A paróquia de Leisnig procedeu a uma reforma de sua ordem de culto e ao estabelecimento de sua caixa comum de assistência social com base nos conselhos de Lutero, bem como em sua legitimação teológica das preocupações dos representantes de Leisnig, implementada através da doutrina do sacerdócio universal de todos os batizados. A organização e os princípios da caixa comum incluíam a eleição, por parte da comunidade, de dez provedores ou administradores a cada ano, no primeiro domingo após o dia 13 de janeiro: “dois membros da nobreza, dois do conselho em exercício, três dentre os cidadãos comuns da cidade e três camponeses da zona rural”. Os três livros de registro, tão importantes quanto detalhados, deviam ser mantidos na caixa-cofre, que ficava trancada com quatro cadeados diferentes e era mantida num lugar seguro dentro da igreja. Os vários cadeados tinham chaves diferentes, destinadas aos representantes dos diversos grupos envolvidos com a caixa comum. Os diretores deviam fazer relatórios trienais para a comunidade toda. Os fundos da caixa comum também deviam ser utilizados para a conservação de prédios, para os salários dos pastores e para as escolas – inclusive uma escola especial para meninas.<sup>123</sup>

Essa caixa comum fora reservada para evitar a mendicância, prática comum durante a Idade Média. Por outro lado, constituía-se também num incentivo para todos os trabalhadores. A caixa só poderia apoiar os que, de fato, eram necessitados. Por isso, os demais tinham que escolher: ou abandonavam a cidade ou punham-se a trabalhar.<sup>124</sup>

Lutero aconselhou que se colocassem todos os bens eclesiásticos na caixa comum depois de feitas as provisões para aqueles que quisessem permanecer nos mosteiros, depois de se proporcionar o devido apoio na transição daqueles que desejassem abandonar a vida monástica e depois de se devolver parte dos fundos às famílias necessitadas dos antigos doadores.<sup>125</sup>

Esse princípio, na época, alastrou-se por todas as paróquias luteranas. A contribuição era feita uma vez por ano e não estava condicionada a nenhum valor estipulado por decreto. Cada membro da comunidade deveria contribuir voluntariamente.

Havia também uma preocupação com a formação das pessoas. Lutero criticava os governantes com estas palavras:

Anualmente é preciso levantar grandes somas para armas, estradas, pontes, diques e inúmeras outras obras semelhantes, para que uma cidade possa viver em paz e segurança. Por que não levantar igual soma para a pobre juventude necessitada, sustentando um ou dois homens competentes como professores?<sup>126</sup>

O governo e a sociedade não podiam continuar mantendo os cidadãos privados de educação. Esse apelo do reformador foi acatado pelas igrejas locais e cada paróquia construiu a sua escola para a formação dos cidadãos. Contudo, em alguns contextos, as ideias de Lutero não foram postas em prática. Isso trazia riscos à propagação do evangelho, visto que pregadores ficavam sem seu sustento e faltava dinheiro para a manutenção das escolas. Lutero

<sup>123</sup> LINDBERG, 2001, p. 146.

<sup>124</sup> LINDBERG, 2001, p. 147.

<sup>125</sup> LINDBERG, 2001, p. 147.

<sup>126</sup> LINDBERG, 2001, p. 155.

chegara a falar que não queria mais ser líder de animais, que deixaria de pregar o evangelho para animais!<sup>127</sup>

O problema que a ausência de sustento do/a pregador/a causa para a difusão do evangelho pode ser ilustrado com a história do grupo de missionários que veio a Angola sob a liderança do Bispo metodista William Taylor. Embora tenha havido oportunidades que poderiam proporcionar sustento para aqueles pregadores, a empreitada foi considerada uma grande aventura. Em algumas ocasiões, obtinham algum dinheiro; noutras, porém, constatavam que o trabalho havia fracassado, já que se verificavam poucas conversões. Os esforços dos missionários eram empregados quase exclusivamente nas fábricas de madeira e fazendas. Houve até mesmo quem se envolvesse com comércio fraudulento, em que eram utilizadas balanças falsificadas. O ensino da Palavra de Deus e a expansão do evangelho foram, portanto, seriamente prejudicados. Como se isso não bastasse, um dos filhos do Bispo Taylor, Ross, desiludido com o sofrimento, deixou Angola.<sup>128</sup>

No método pedagógico usado por Lutero no Catecismo Menor a partir dos Dez Mandamentos, está bem claro: “*Não roube*. Que significa isto? Devemos temer e amar a Deus e, por isso, não tirar o dinheiro ou os bens do próximo nem nos apoderar deles por meio de mercadorias falsificadas ou negócios desonestos; mas devemos ajudá-los a conservar e melhorar seu meio de vida”.<sup>129</sup> Como foi observado, em algum momento durante a empreitada dos missionários liderados pelo Bispo Taylor, isso não aconteceu.

Segundo foi dito, no capítulo anterior, a respeito da região central de Angola, o professor e o evangelista não eram sustentados exclusivamente pela Igreja. Enviados para uma aldeia, os moradores dali concordavam em arranjar-lhes um pedaço de terra, dando-lhes um dia ou dois dias por semana para trabalharem em sua lavra. O líder de uma igreja em ambiente rural – tanto um catequista quanto um evangelista ou um diácono – tinha de sustentar-se e à sua família através da agricultura e dos donativos que as pessoas ofereciam para ajudá-lo em seus rendimentos. Por conta da guerra que devastou Angola, houve uma enorme migração de pessoas da zona rural para as cidades. Desse modo, os/as pregadores/as vêm pagando por alguns erros cometidos pelos missionários que, em princípio, atuaram no país. Tendo que se ocupar da lavra de seu pedaço de terra, ficavam a esperar um auxílio que lhes chegava uma vez ao ano. Agora, há certos pregadores que vivem na miséria, eles e suas famílias.

---

<sup>127</sup> LINDBERG, 2001, p. 160.

<sup>128</sup> HENDERSON, 1990, p. 63.

<sup>129</sup> LUTERO, Martim. *Catecismo menor*: texto oficial e autorizado para uso na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 11. ed. Atualizada. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 7.

Quando o relatório das finanças foi apresentado em 2007 pela Direção do Sínodo Geral da IELA, constatou-se um atraso de três meses no salário dos trabalhadores administrativos. Os/As pregadores/as tiveram que buscar outros empregos fora do ministério, por exemplo, no Serviço Público. Das 40 congregações, apenas 3 pagavam seus pregadores/as e pelo menos 10 contribuíram com a cota anual de 10.000 kuanzas para a caixa geral da Igreja. Houve uma tentativa, por parte da Direção, de negociar as dívidas dos/as pregadores/as, porém estes/as não aceitaram. O Sínodo Geral de 2011 revelou que alguns pregadores completavam quase 15 anos de trabalho sem salário, sobrevivendo à custa de atividades particulares. Visto que os/as pregadores/as da Igreja não têm motivação para exercer o ministério, teme-se uma crise de lideranças no futuro, pois poucos há que poderão realizar esse trabalho voluntariamente.

### **3.2 A importância de um planejamento de sustento de pregadores/as**

É indispensável que as relações na Igreja sejam pautadas pelo amor. O compromisso entre pregadores/as e Igreja também deve estar fundamentado no amor. A regra de Jesus é: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei e os profetas” (Mt 7.12).

É claro que a Igreja não se sentirá satisfeita com o fato de os/as seus/suas pregadores/as sofrerem por causa do ministério. A pessoa que quer ver os/as seus/suas pregadores/as em tempo integral mas não lhes dá salário como ela mesma recebe em seu trabalho secular ou privado não está agindo justamente. Deve-se ensinar aos membros que o amor cristão sempre procura o bem do outro. Devemos procurar igualdade na questão de salário.

Pregadores/as precisam de uma ajuda integral. O que sabemos é que o salário dos/das pregadores/as em certas igrejas ou congregações é uma lástima, mesmo que trabalhem em tempo integral. Infelizmente, em várias situações, esse salário não chega para o sustento dos obreiros. Não estamos a defender que os/as pregadores/as devam receber um salário fabuloso, mas simplesmente o necessário para garantir-lhes dignidade, de modo que possam viver e louvar o seu Senhor com alegria. Acredito que nenhum trabalhador gostaria de receber o salário que os/as pregadores/as recebem hoje.

A Igreja deve cuidar com amor do sustento de seus/suas pregadores/as. Onde está o amor? No caso de alguns, o salário que recebem até pode ser considerado razoável, uma vez que dispõem de outro emprego que lhes paga um salário compatível com suas necessidades. Por isso, aquilo que recebem da comunidade de fé representa apenas um complemento de sua renda. As igrejas devem investir nos/as pregadores/as e dar-lhes o salário. Se não fizerem isso, as novas frentes para expansão do evangelho de Jesus Cristo ficarão comprometidas, além de permanecerem as dificuldades para manter pregadores/as em tempo integral. Caso uma igreja opte por um/a pregador/a parcial, este/a não terá tempo para visitação e aconselhamento das famílias.

A Igreja deve assumir a responsabilidade pelo sustento de seus/suas pregadores/as. Existe um equívoco de entendimento quanto   natureza do trabalho do/a pregador/a, isto  , se ele/a   um/a trabalhador/a por voca o ou um/a trabalhador/a liberal. Em nossa opinião, o/a pregador/a não deve ser tratado/a como um trabalhador liberal. Ele/a   um/a trabalhador/a por voca o, atende a uma orienta o divina. O Jurista Garcia, que possui mais de 20 anos de experiência na área jurídica, afirma o seguinte: “O trabalho exercido pelos pastores não pode ser caracterizado como de vínculo empregatício perante a legisla o trabalhista brasileira, já que tal atividade   fruto do exercício da espiritualidade na divindade em que se professa f ”.<sup>130</sup>

A Igreja, todavia, geralmente tem dois tipos de trabalhadores: os vocacionados e os que exercem fun o administrativa. Tomemos como exemplo a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) do Brasil. Eles têm ministros que exercem suas atividades calcados no profissionalismo, mesmo que os pastores não sejam contratados como empregados. Estes não dispõem de outra atividade profissional. Num sistema bem alinhado, mediante diferentes auxílios e verbas, recebem uma remunera o que lhes proporciona uma vida digna: moradia de qualidade, educa o para os filhos e saúde para a família, além de algum dinheiro para o dia a dia. Esses recursos provêem dos dízimos doados pelos fiéis e são administrados pelas associa es, isto  , escritórios responsáveis por certo número de igrejas numa determinada região. Do s lario de todos os pastores,   deduzido um percentual para o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). O teto salarial vai subindo consoante o tempo de serviço.

No caso da área administrativa da Igreja – Colégio, Universidade, Editora –, os trabalhadores são registrados conforme a legisla o brasileira, recebendo os benefícios comuns a qualquer empresa particular. Se houver desligamento do ministério pastoral, a

---

<sup>130</sup> EZEQUIEL, Dinis. *O sustento dos obreiros: uma abordagem bíblica e prática no contexto da igreja angolana*. Cidade do Cabo: Modern Printers, 2013. p. 27.

administração da Igreja deve oferecer mais benefícios do que a lei lhes asseguraria.<sup>131</sup> Isso evita disputas judiciais.

A Igreja de Angola deve oferecer um bom exemplo à sociedade, a fim de ganhar uma confiança justa. Quando a denominação não cumpre os princípios a que nos referimos antes, o/a pregador/a não exerce um ministério produtivo, sentindo-se ameaçado/a a todo momento pela possibilidade de se retirarem os seus direitos.

Também está claro que, na Igreja, devemos manter a prioridade do Reino de Deus. O seu alvo é ser alimentada pela Palavra e enviar pregadores/as para levá-la às áreas em que ainda não foi ouvida. O alvo não pode ser dar aos/às pregadores/as o melhor salário possível, mas sustentá-los/as em tudo que for necessário. É evidente que as necessidades na cidade são maiores do que numa aldeia. As necessidades de uma família são maiores do que as de um solteiro. Quando um pastor tem filhos que precisam de formação, as necessidades crescem também. Se, por exemplo, um/a pregador/a do campo se satisfaz com 100 dólares americanos, não é o mesmo caso para o pastor da cidade que tem de pagar por outros serviços.<sup>132</sup>

Olhando para essa situação que os/as pregadores/as estão a viver, os filhos não têm motivação para o ministério dos pais. Um/a pregador/a não deve ser visto/a como mendigo/a de maneira nenhuma. Os/As reformados/as também devem ter direito ao seu salário de reforma. Felizmente, o governo angolano já aprovou a lei sobre a segurança social dos cidadãos e isso inclui os/as pregadores/as. Nesses termos, a igreja deveria trabalhar no sentido de inserir os/as pregadores/as no sistema de segurança social.

“A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações (...)” (Tg 1.27a). O nosso sacrifício consiste em louvar a Deus tanto com nossas palavras e em nossa vida diária quanto com a prática do bem e a comunhão com o sofrimento alheio, ajudando outros que se encontrem necessitados. À adoração a Deus corresponde a paternidade de Deus. Quem se ocupa daquela deve dar testemunho desta ao realizar a obra divina com amor e compaixão, visto que Deus é pai dos órfãos e juiz (protetor dos direitos) das viúvas. A Igreja deve promover o evangelho integral: construir casas para pessoas da terceira idade onde as viúvas possam ficar; visitar os hospitais ou manter um/a pregador/a na capela da instituição; promover encontros com todos os habitantes do bairro, a fim de partirem o mesmo pão. Nós, em Angola, temos muitos forasteiros que merecem a nossa ajuda. Tudo isso deve estar incluído no trabalho de ação social da Igreja.

---

<sup>131</sup> EZEQUIEL, 2013, p. 27.

<sup>132</sup> EZEQUIEL, 2013, p. 27.

### 3.3 Considerações sobre o futuro da IELA

Neste momento, tendo em vista a análise feita até aqui, desejamos considerar algumas ideias relacionadas ao futuro da Igreja Evangélica Luterana em Angola. Tanto a história da instituição no país quanto sua prática ministerial proporcionam elementos para pensar sobre o assunto. Como diz Velho: “Não refletem apenas opiniões pessoais, mas são fruto dos debates internos realizados na igreja e visam colaborar para a sua renovação e os novos caminhos que se abrem neste novo século”.<sup>133</sup>

Não obstante ter surgido através de atividade missionária intercultural, é uma necessidade que a IELA deva futuramente procurar formas de tornar-se autóctone. Somente assim poderá autogovernar-se, autossustentar-se e autopropagar-se. O anúncio do evangelho deve respeitar a cultura do povo, exceto naquilo que transgride as Sagradas Escrituras. Velho observa:

Este é um argumento que mais e mais emerge como desafiador para a IELA. Para concretizá-lo [*sic*] há que conversar muito com as pessoas, ouvir opiniões, tomar decisões quanto possível de forma consensual, além de seguir sempre o conselho maior de Paulo: “acima de tudo, porém [*sic*] esteja o amor, que é o vínculo da perfeição” (Cl 3.14).<sup>134</sup>

A independência é importante, todavia não dispensa o estabelecimento de relações de cooperação com outras organizações cristãs, tais como: MELF, FLM, ELCIN, IECLB, ELCA, etc. O vínculo com agências missionárias e igrejas também envolve, evidentemente, a riqueza de experiências que a IELA tem a oferecer-lhes.<sup>135</sup>

Quanto à formação de liderança, cabe destacar a opinião de Velho:

Deve-se [*sic*] formar quadros para todos os níveis a fim de aumentar a capacidade de avaliar e analisar o problema da fraca preparação da liderança e para delinear uma ação apropriada com vistas ao futuro das comunidades e do próprio povo angolano. A IELA – enquanto igreja missionária – não pensa apenas em crescer, mas também em como melhor servir e acompanhar o povo deste país.

Recomenda-se ser importante a planificação para a obra missionária. Mas é importante ter-se em conta a estratégia, visto nos permitir a adaptar [*sic*] o nosso plano a novas realidades.<sup>136</sup>

É preciso que a Igreja, em seu Estatuto, formalize, de maneira mais abrangente, princípios e normas para o sustento de pregadores/as. As relações de cooperação com Igrejas

<sup>133</sup> VELHO, 2012, f. 62.

<sup>134</sup> VELHO, 2012, f. 62.

<sup>135</sup> VELHO, 2012, f. 62.

<sup>136</sup> VELHO, 2012, f. 62.

e organizações missionárias nacionais e estrangeiras precisam, do mesmo modo, ser definidas de maneira clara e cuidadosa. Tudo, porém, deve ser feito sob oração e consulta dos envolvidos.<sup>137</sup>

A IELA busca a consolidação de sua estrutura interna:

Sugere-se o fortalecimento de instituições formais: institutos bíblicos, escolas e hospitais. Isto também requer conhecimento local e muitas vezes a formação das lideranças. Nesse sentido, faz já algum tempo que a IELA procura enviar algumas de suas principais lideranças nacionais para estudos no exterior, por exemplo, no Brasil, para que busquem formação e, no retorno ao país, possam melhor servir a igreja. A formação de quadros para todos os níveis joga um papel importante para aumentar a capacidade de avaliar e analisar o problema da fraca preparação da liderança e para delinear uma ação apropriada.<sup>138</sup>

A administração das finanças é fundamental. É preciso ter cautela na escolha das pessoas que guardarão o dinheiro da Igreja. Os/As pregadores/as não devem ser responsáveis pelos recursos financeiros e nem ter acesso direto a eles. Isso vale também para suas famílias. Temos de proteger os/as pastores/as para não caírem no pecado de Judas, que roubou do dinheiro de Jesus e dos outros discípulos.

Por causa da discrepância dos valores que são pagos para os/as pregadores/as, deveria haver uma caixa geral ou regional da Igreja para pagar todos os salários. Isso significa que os dízimos de todos membros deveriam ser canalizado para a caixa regional, de modo que se tirasse dali uma percentagem para a caixa geral destinada ao pagamento dos/as trabalhadores/as. Contudo, no que se refere ao teto salarial, todas as políticas seriam orientadas pelo Órgão Deliberativo da Igreja.

Por outro lado, esse método tem a desvantagem de diminuir a responsabilidade dos membros e da igreja local. Além disso, os/as pregadores/as devem ter uma formação que lhes possibilite ensinar e promover encontros para debater certos problemas da comunidade. É preciso ensinar aos membros da Igreja que eles têm de cuidar das necessidades dos/as pregadores/as assim como eles mesmos querem ser cuidados. Cabe-nos ensinar a importância de dar com regularidade (cf. 1Co 16.1-4; 2Co 9.6-15).

Um dos problemas que notamos é que os membros das nossas igrejas têm dificuldade de entender o dar a Deus. Esta prática mostra a realidade da nossa comunhão com ele. Quando nos sujeitamos a Jesus, tornamo-nos sua propriedade. Jesus é o Senhor do nosso coração e também do nosso dinheiro. Temos de ensinar sobre dar a Deus não como lei, mas como obra de amor, porque o Senhor primeiramente nos amou. É nosso dever pregar a riqueza do evangelho, a fim de que os crentes, ao passo que experimentam o amor e a

<sup>137</sup> VELHO, 2012, f. 63.

<sup>138</sup> VELHO, 2012, f. 63s.

proteção de Deus, amem o perdido como Jesus o amou. Deixemos de ensinar a dar a Deus como lei ou como exigência para ser cristão. Esse pensamento não é bíblico. Deus ama a quem dá com alegria, não aos “coagidos”.

Queria ainda falar da necessidade de uma boa administração das igrejas locais. Os membros das comunidades devem ser informados sobre como é usado o dinheiro que eles dão. Os alvos das ofertas devem ser planejados antecipadamente. É preciso também estabelecer prioridades. Ensinemos a Igreja, de modo que o alcance de descrentes com o evangelho seja a nossa prioridade.

A administração das denominações têm de dar um bom exemplo nessa área. Devem responsabilizar-se pela organização do programa de ensino e encorajar os membros das igrejas locais a darem a Deus com alegria para o sustento daqueles/as que os assistem espiritualmente.

No tocante à remuneração, é necessário vincular pregadores/as e obreiros/as ao sistema de previdência social do Instituto Nacional de Segurança Social (INSS). Além disso, a IELA precisa trabalhar junto com o Ministério da Administração Pública, Emprego e Segurança Social (MAPESS), de modo que seus trabalhadores tenham todos os direitos e cumpram também todos os deveres que lhes cabem.

O contexto atual do país requer uma reavaliação dos estatutos e regulamentos das igrejas. Se as suas lideranças constituem-se de pastores e pastoras, são eles e elas que convocam as conferências e as assembleias sinodais, sendo também responsáveis por certas reformas. Pode-se dizer que são vítimas nesta crise em que a IELA se encontra. Sugerimos que a questão do sustento de pregadores/as seja devidamente tratada nas conferências de pastores e sínodos gerais.

Aos/Às pregadores/as, recomendamos que sejam não somente críticos/as mas corajosos/as para enfrentar os problemas; que desenvolvam a capacidade de ensinar aos membros a importância dos dízimos e das ofertas; que sejam eminentes, além de pessoas de oração, confiando plenamente em Deus.

Por fim, oremos para que Deus desperte na Igreja o sentimento da responsabilidade para com seus/suas pregadores/as, de maneira que, nos próximos anos, o salário que as congregações derem a eles/as seja duas ou três vezes maior do que agora. Que haja nos membros satisfação por causa das bênçãos que receberem de Deus.



## CONCLUSÃO

Finalizamos esta dissertação, através da qual foram apresentadas algumas reflexões sobre a questão do sustento dos/as pregadores/as na IELA. Entre as fontes de pesquisa utilizadas, contam-se os documentos da IELA e os acervos bibliográficos da Faculdades EST, do Seminário Batista do Huambo e do ISTEEL, no Lubango. Neste momento, podem ser arroladas algumas conclusões.

Em primeiro lugar, tratamos do assunto do sustento dos/as pregadores/as à luz da Bíblia e da Reforma Protestante. Lançou-se um olhar sobre o Antigo Testamento, examinando tanto a atividade dos líderes dos grupos religiosos daquele tempo (os sacerdotes, os levitas e os profetas) quanto a assistência às viúvas, aos pobres e aos forasteiros. Depois, no Novo Testamento, consideramos o sustento dos que pregavam a Palavra de Deus durante a época correspondente. Falamos do próprio Jesus, dos seus doze discípulos e do apóstolo Paulo. Em relação ao período da Reforma, abordamos as preocupações de Martim Lutero com os pregadores e os pobres.

Em segundo lugar, detivemo-nos no histórico da IELA, começando com os primeiros grupos de missionários que chegaram ao país, todos provenientes dos Estados Unidos da América e da Europa. O grupo metodista sob a liderança do bispo Taylor entrou pelo norte de Angola, em Luanda, no ano de 1885. Orientado pelo princípio do autossustento, sua missão terminou em fracasso porque os pregadores, em vez de propagar o evangelho, tiveram que trabalhar para se sustentar. O grupo de missionários congregacionais da ABCFM, que chegou pelo porto de Lubito e instalou-se em Huambo, no centro de Angola, no Bailundo e no Bié, recebia seu sustento da própria organização missionária e de ofertas espontâneas, sem que, contudo, ensinasse os angolanos a respeito do sustento de seus/suas pregadores/as. Os missionários luteranos alemães e finlandeses, do mesmo modo, recebiam toda ajuda da sua missão de origem. Eles também não ensinaram aos membros das comunidades cristãs recém-constituídas o valor de contribuir e dar seus dizimos. Tudo isso criaria muitas dificuldades para que a IELA mantivesse seus/suas pregadores/as no futuro.

Por último, demos algumas sugestões que achamos importantes para ajudar na minimização dos problemas relativos ao sustento dos/as obreiros/as da IELA. É preciso que a Igreja, em seu Estatuto, formalize, de maneira mais abrangente, princípios e normas para o sustento de pregadores/as. Temos de ensinar aos membros das congregações sobre dar a Deus não como lei, mas como obra de amor, porque o Senhor primeiramente nos amou. Além disso, aqueles devem ser informados sobre como é usado o dinheiro que eles dão.

Obteremos resultados positivos se obedecermos à voz do Espírito Santo, que é o dono e o sustentador principal da Igreja, e nos empenharmos no ensino bíblico a respeito da entrega de dízimos e da manutenção dos/as pregadores/as.

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ADEYEMO, Tokunboh. *Comentário Bíblico Africano*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. 1630 p.
- ANDRADE, Anísio Renato de. O que é um levita? *Núcleo de apoio cristão*. Disponível em: <<http://www.montesiao.pro.br/estudos/adoracao/oquelevita.html>>. Acesso em: 24 set. 2013.
- ANGOLA. *República de Angola – Portal Oficial do Governo de Angola*. Disponível em: <<http://www.governo.gov.ao/opais.aspx>>. Acesso em: 17 jan. 2014.
- BÍBLIA de Estudo Genebra. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 1998. 1969 p.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. 2206 p.
- BOOR, Werner de. *Carta aos Coríntios*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004. 487 p.
- CARLSON, Raymond et al. *Manual Pastor Pentecostal: Teologia e práticas pastorais*. Tradução de Luis Aron de Macedo. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 672 p.
- CARVALHO, Emílio J. M. *A caminhada histórica na liderança do Episcopado Metodista Angolano – 1972-2000*. Luanda: Igreja Metodista Unida em Angola, 2001.
- CASTRO, Izaldil Tavares de. Levitas? Qual a função deles? *Blog do Professor Tavares*. Disponível em: <<http://prof2tavares.blogspot.com.br/2013/01/levitas-qual-funcao-deles.html>>. Acesso em: 8 mai. 2014.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. Volume 4: 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios. 652 p.
- COSTA, Ivaldo. Levitas, quem são? *Estudos Adoração.com.br*. Disponível em: <<http://www.netgospel.com.br/php/artigos/print.php?codigo=40&secao=13&colunista=12>>. Acesso em: 24 set. 2013.
- CUNNINGHAM, Loren; ROGERS, Janice. *Fé e Finanças no Reino de Deus*. Tradução de Myrian Thalita Lins. Venda Nova: Betânia, 1993. 200 p.
- DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2004. 622 p.
- DIREITO do Trabalho: República de Angola. Lobito: Escolar Editora, 2009.

DÍZIMOS e ofertas. *Igreja Vivendo o Novo*. Disponível em: <<http://www.nossodeus.com.br/arquivos/D%C3%ADzimos%20e%20Ofertas.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2013.

DREHER, Carlos A. *Dízimos e Ofertas na Bíblia*. Um mutirão de solidariedade. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos, 2009. 47 p.

\_\_\_\_\_. O pão dos marginalizados. In: KILPP, Nelson et al. *A salvação se fez pão*. São Leopoldo: Sinodal, 1989. 95 p. (p. 13-24).

ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. Tradução de Emma Anders de Souza Lima. São Paulo: Vida, 1993. 424 p.

ESTATUTO da Igreja Evangélica Luterana de Angola. Lubango: IELA, 2012. s. p.

EZEQUIEL, Dinis. *O sustento dos obreiros: uma abordagem bíblica e prática no contexto da igreja angolana*. Cidade do Cabo: Modern Printers, 2013.

HENDERSON, Lawrence W. *A Igreja em Angola: um rio com várias correntes*. Tradução de Margarida Martiniano Palma. Lisboa: Editorial Além-Mar, 1990. 494 p.

HOFFMANN, Arzemiro. *Aqui você tem lugar: estudos sobre contribuição proporcional*. [s.l.: s.n.], 1997. 32 p.

LASOR, William S. et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999. 851 p.

LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. 503 p.

LUTERO, Martim. *Catecismo menor: texto oficial e autorizado para uso na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. 11. ed. atualizada. São Leopoldo: Sinodal, 2007. 24 p.

PIEPER, Josef. *Felicidade e contemplação: lazer e culto*. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Herder, 1969. 154 p.

RAMOS, Oswaldo. *Dízimos & Bênçãos*. São Paulo: Vida, 2000. 88 p.

SMITH, Archer William. *História da Bíblia – Velho Testamento: A perda do Deus de Israel*. São Paulo: IBRASA, 2000. 300 p.

SOUZA, João A. de. Princípios bíblicos para o sustento do obreiro. *Amofamília*. Disponível em: <[http://amofamilia.com.br/portal/artigos\\_detalhe.asp?cod=880&sessao=20#.UITGb4u5fIU](http://amofamilia.com.br/portal/artigos_detalhe.asp?cod=880&sessao=20#.UITGb4u5fIU)>. Acesso em: 24 set. 2013.

VELHO, Mário Passala. *As estratégias missionárias da Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA) no contexto atual de Angola*. 2012. 74 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012.

WEINGAERTNER, Martin; TUENNERMANN, Rudi; PALM, Airton Haerter. *Sopro do Espírito: 1Coríntios*. Curitiba: Encontrão Editora, 1996. 352 p.